

Pirataria sustenta crime organizado

Para especialistas, o comércio de mercadoria ilegal é comandado pelos exploradores do trabalho escravo

A maior parte dos produtos pirateados vendidos no Brasil é fabricada em países asiáticos, muitas vezes com o emprego de trabalho escravo, inclusive de crianças. Essa mercadoria falsificada chega a portos brasileiros em contêineres, que são encaminhados para o Paraguai, onde é mais fácil executar a operação de distribuição. A partir de Ciudad del Este, essas mercadorias retornam ao Brasil e são oferecidas aos consumidores potenciais, que insistem em ver o produto pirateado apenas como uma pechincha. Mas pirataria é crime, adverte o Conselho Nacional de Combate à Pirataria, e já existem estudos na Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio de Porto Alegre (Smic) e no Ministério Público Estadual para tipificar a compra de produtos pirateados como crime de receptação. O problema foi analisado detalhadamente por profissionais como Roner Guerra Fabris, doutorando do curso de Direito da UFRGS e advogado especialista em pirataria nas áreas criminal e comercial. **Página 5**



FOTOS: FLÁVIO DUTRA

CDs, DVDs e tênis representam a maior parte da oferta de produtos pirateados no Centro de Porto Alegre

Lothar Hessel aos 90 anos



Perfil Historiador, autor de 14 livros e professor aposentado da UFRGS, ele continua escrevendo artigos para um jornal do interior. Nascido em Estrela, foi mandado para o seminário aos 11 anos, mas não se adaptou à pedagogia rígida dos jesuítas alemães daquela época. Durante a Segunda Guerra Mundial, foi tomado como delator pelos colonos simpatizantes do nazismo e mudou-se para Porto Alegre. Na Capital, trabalhou na Livraria do Globo e na Secretaria de Educação do estado, até ser nomeado professor da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS. Ao relembrar episódios de sua juventude, Lothar Hessel revela os segredos para manter tamanha vitalidade depois de nove décadas de vida. **Página 15**

Mediadores aproximam público e obras na Bienal

Cultura Estudantes universitários, entre eles vários alunos da UFRGS, passaram por um curso para orientar os visitantes da 5ª Bienal do Mercosul. Com o que esses jovens se deparam ao longo dos cerca de 60 dias de exposição? Para obter resposta a essa pergunta, o Jornal da Universidade conversou com alguns

desses universitários e descobriu que o convívio com o público é um importante aprendizado. A professora Cláudia Zanatta, do Instituto de Artes, que supervisiona esse trabalho, revela aspectos curiosos da reação do público e a influência da mídia nas expectativas de quem vivista a Bienal. **Página 12**

Escritores declaram seu amor à Feira do Livro

Cultura Em seus 51 anos de existência, o mais tradicional evento literário dos gaúchos segue sendo considerado pelos escritores como uma oportunidade única de contato direto com o público leitor. Realizada em plena Praça da Alfândega, apesar do gigantismo imposto pelo crescimento do número de ex-

positores e da multiplicidade de eventos paralelos, que por vezes dividem a atenção dos leitores, a Feira mantém seu charme. Em tempos de megalivrias, os escritores acreditam que ela promove obras e autores, numa celebração amorosa do livro que fortalece a paixão da cidade pela literatura. **Páginas central e 13**

Paraguai vê Brasil como opressor

Internacional Esta noção entre os paraguaios tem origem histórica. Segundo o paraguaio Oscar Torres Figueiredo, engenheiro florestal e doutorando da UFRGS, os brasileiros dizimaram seu povo na Guerra da Tríplice Aliança. "O Brasil no Mercosul é os Estados Unidos dentro da Alca". **Página 10**

Sistema de cotas raciais em debate

Debates O Jornal da Universidade mostra nesta edição as opiniões controversas sobre o sistema de cotas para minorias étnico-raciais nas universidades. De um lado, Iara Conceição Bitencourt Neves, professora da Fabico, de outro, Maria Conceição Lopes Fontoura, técnica em assuntos educacionais. **Página 4**

Pesquisadores da UFRGS discutem a alimentação

Ciência Especialistas apontam opções para uma alimentação mais adequada. Kaly Janaina Berlezi, do curso de Nutrição, aconselha quem deseja uma alimentação saudável a seguir quatro regras básicas: quantidade, qualidade, harmonia e adequação. Regina Maria Guaragna, do Departamento de Bioquímica, afirma que o que importa é a qua-

lidade da gordura, e não a quantidade. Já o professor do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos, Júlio Alberto Nitzke, diz que o acréscimo de aditivos aos alimentos não prejudica a saúde. Mais do que fórmulas, os professores esclarecem algumas dúvidas e falam sobre aspectos que contribuem para uma alimentação mais saudável. **Página 11**



Frei Rovilio Costa, patrono desta edição da Feira do Livro, diz que é preciso cativar o leitor

Cartas

Sou gaúcho tradicionalista e busco trazer ao presente a história de nossa cultura. Muito obrigado por esta reportagem. O Rio Grande merece repórteres assim como vocês, que se importam com nossas origens.

Cel. Euclides da Silva, patrão do piquete Desgarrados da Cavalaria, foto de capa da edição 81.

Excelentes as matérias da edição anterior sobre erva-de-passarinho na arborização de Porto Alegre e o perfil de Ivette Brandalise. Para fechar, as fotos da matéria Orgulho Gaúcho por si só, dizem tudo.

Helio de Almeida Oliveira, diretor-executivo do Jardim Botânico de Porto Alegre

Charge

Gerson Lopes



Espaço da Reitoria

Universidade completa 71 anos

No mês de novembro comemora-se o aniversário da UFRGS. No dia 28 deste mês, no ano de 1934, foi assinado o ato que criava a Universidade de Porto Alegre, unindo em uma mesma instituição faculdades e escolas, algumas das quais já comemoraram seu centenário. O ato legal aglutinava a Faculdade de Medicina, com suas escolas de Odontologia e de Farmácia; a Faculdade de Direito, com sua Escola de Comércio (futura Faculdade de Ciências Econômicas); a Escola de Engenharia; a Escola de Agronomia e Veterinária; a Faculdade de Educação, Ciências e Letras; e o Instituto de Belas Artes.

A história do Rio Grande do Sul no século XX confunde-se com a própria história da expansão da UFRGS e sua afirmação como maior centro de produção e difusão do conhecimento científico, cultural e filosófico do sul do país. Em seu início, todas suas unidades situavam-se no *campus* central; hoje temos quatro *campi*, oferecemos 65 opções para ingresso no Concurso Vestibular, às quais se somam 176 cursos de pós-graduação. A “comunidade UFRGS” é composta de

aproximadamente 40 mil pessoas, abrangendo, em números redondos, 2.500 professores, 2.500 técnicos-administrativos, 21.500 alunos de graduação, 9.500 de pós-graduação, 1.600 alunos dos cursos Fundamentais e Médio, no Colégio de Aplicação e na Escola Técnica, além dos participantes de cursos e atividades de extensão. Verifica-se, portanto, que cerca de 30% de nossos discentes já são de pós-graduação, um dos mais altos índices do país, em cursos que também despontam nacionalmente por sua qualidade, como demonstram as avaliações periódicas da Capes e a existência de 569 grupos de pesquisa registrados.

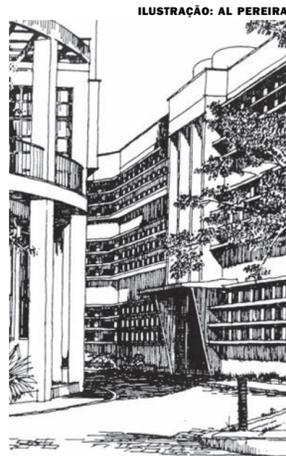
Tendo a formação de recursos humanos de alto nível como prioridade, a UFRGS oferece cursos que

abrangem, em um corte vertical, todos os níveis, da pré-escola ao pós-doutorado. Em um corte horizontal, verifica-se que estes praticamente atingem todas as áreas do conhecimento. Sua expansão, de ora em diante, deverá ter como foco a interdisciplinaridade, tanto em graduação como em pós-graduação, como se verifica nos cursos recentemente criados, como Biomedicina, Engenharia Ambiental, Design e Relações Internacionais. Com eles, a Universidade aproveita saberes já consolidados em áreas acadêmicas tradicionais para fomentar áreas de fronteira, em consonância com o desenvolvimento científico e tecnológico internacional.

Após mais de um século de construção, a UFRGS hoje não só se dis-

tingue nacional e internacionalmente pela qualidade acadêmica em suas atividades fins – ensino, pesquisa e extensão –, mas por seu forte enraizamento social. É digno de nota que, em cada reunião mensal do Conselho Universitário, de três a quatro dezenas de convênios novos são aprovados. Estes abrangem o poder público em suas mais diferentes esferas (Executivo, Legislativo, Judiciário) e níveis (federal, estadual e municipal), empresas públicas e privadas, organizações não-governamentais e sindicatos. Assim, a extensão e a pesquisa alimentam a qualificação do ensino, e abrem-se oportunidades para aproximação crescente da Universidade com a sociedade, esta entendida não apenas como mercado, mas como o conjunto de instituições criadas historicamente pelos homens em busca de sua permanente superação.

Desta forma, embora estejamos conscientes de que muito ainda falta para chegarmos ao patamar com que sonhamos – e pelo qual lutamos, com nosso trabalho, no cotidiano, para alcançá-lo –, não nos resta dúvida de que há muito tam-



Artigo

Os 33 anos do Planetário da UFRGS

Planetários, como espaços científico-culturais, atraem o interesse de pessoas de todas as idades, possibilitando a reflexão e a aprendizagem sobre o Universo do qual fazemos parte. O Planetário Professor José Baptista Pereira vem se consolidando nesse cenário como um espaço privilegiado de ensino e aprendizagem, na qual a extensão que pratica está alicerçada na pesquisa e no ensino. Isso se torna evidente na multiplicidade de atividades oferecidas ao seu público: ampla variedade de programas de planetário; sessões especializadas ao vivo; observações do céu através de telescópios; palestras de divulgação científica; minicursos e oficinas. O Planetário, que completa 33 anos em 11 de novembro, está totalmente inserido no contexto acadêmico da nossa Universidade e conta com o apoio de diversos departamentos e setores e com o empenho da administração. Temos motivos para comemorar...

Neste ano, nossa equipe de produção finalizou o programa infantil “O planeta azul”, através do qual os espectadores fazem

uma viagem pelo Sistema Solar e pela história da Terra, desde o nascimento do planeta até o surgimento e a evolução da vida. Também produziu o miniprograma, “O céu dos Açores”, que foi exibido aos domingos durante a exposição “Açores & Brasil: uma troca de experiências”, apresentada pelo Museu da UFRGS. Vários materiais didáticos de apoio foram produzidos e distribuídos para as escolas, desde a agenda astronômica 2005-2006, até cadernos de atividades infantis.

Além do já tradicional projeto Selene, responsável pelas observações mensais dos astros de destaque no céu noturno de Porto Alegre, vem se consolidando o projeto Ciência no Planetário – colóquios Eduardo B. Dorneles, que disponibiliza para a comunidade o contato com professores e pesquisadores da UFRGS e de outras instituições estaduais, ou mesmo na-

cionais, os quais ministram palestras sobre temas científicos da atualidade.

Através do projeto “O Planetário vai à escola”, temos atendido solicitações de várias instituições, e são planejadas atividades específicas para as demandas de cada uma delas no contexto escolar. Nosso objetivo principal é possibilitar uma via de formação continuada para professores da educação infantil ao ensino médio e despertar o interesse de estudantes para a área das ciências exatas. Esta ação de extensão implica pesquisa de erros conceituais nos livros didáticos e desenvolvimento de metodologias para abordagem de conteúdos científicos atualizados no meio escolar. Neste ano, iniciamos um trabalho com escolas municipais de Alvorada, que buscam na Astronomia um tema antropológicamente reflexivo, capaz de desenvolver nas crianças e nos jovens um sentimento de com-

promisso com o outro, com a comunidade, com o todo, com o Universo. O Planetário também esteve presente com um estande institucional no II Encontro de Arte, Cultura e Cidadania, realizado no mês de setembro, no CEFET de Pelotas. Nesse encontro, foi ministrada a oficina “A Terra como um grão de pimenta” para mais de 300 estudantes de ensino básico da rede pública e privada da localidade e dos municípios vizinhos.

Outro desafio que estamos nos preparando para enfrentar é o de auxiliar no processo de ensino e aprendizagem de ciências para alunos com deficiência auditiva, auxiliando na inclusão social dos mesmos. Acreditamos que podemos proporcionar a esses estudantes momentos de deslumbramento com a ciência, quando compreenderem a simplicidade e a beleza das leis físicas que regem o comportamento do Universo.

Maria Helena Steffani
Professora do Instituto de Física da UFRGS e diretora do Planetário

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Av. Paulo Gama, 110
Bairro Farroupilha, Porto Alegre - RS
CEP 90046-900
Fone: (51) 3316-7000
www.ufrgs.br

Reitor
José Carlos Ferraz Hennemann
Vice-reitor
Pedro Cezar Dutra Fonseca
Chefe de Gabinete
João Roberto Braga de Mello
Secretária de Com. Social
Sandra de Deus

JORNAL DA UNIVERSIDADE
Publicação da Secretaria de Comunicação Social da UFRGS
Fone/fax: (51) 3316-3368
www.jornal.ufrgs.br

Conselho Editorial
Aron Taitelbaun, César Antonio Leal, Eduardo Pedro Corsetti, Enno Dagoberto Liedke Filho, Luís Augusto Fischer, Marcia Benetti Machado, Maria Heloisa Lenz e Paulo Francisco Estrella Faria

REDAÇÃO
Editores-chefe
Ânia Chala
Editor-executivo
Ademar Vargas de Freitas
Secretária de redação
Sandra Salgado

Repórteres
Jacira Cabral da Silveira e Sonia Torres

Projeto gráfico e diagramação
Juliano Bruni Pereira

Fotografia
Flávio Dutra

Ilustrações
Gerson Lopes e José Pedro Bortolini

Revisão
Israel Pedrosa

Colaboraram nesta edição
Caroline da Silva, Dalva Bavaresco, Fabiane M. Lima, Marcelo Spalding e Tanira Dornelles

Circulação
Arthur Bloise

Fotolitos e impressão
Gazeta do Sul S.A.

Tiragem
12 mil exemplares

bém a comemorar. De parabéns estão todas as gerações que construíram nossa Universidade e sobretudo nós, que temos a honra de a ela pertencer e a responsabilidade de deixar o mesmo legado às gerações futuras.

José Carlos Ferraz Hennemann
Reitor



energia ■ Combustível ecológico na UFRGS

O curso de Técnico em Química da Escola Técnica da UFRGS abriga um inventor, trata-se de Fabrício Pedrotti, 19 anos. Quando ele estava no terceiro semestre, sugeriu a produção de biodiesel a partir do óleo de mamona. No semestre seguinte, teve a idéia de fazer biodiesel de óleo de fritura (utilizado). Fabrício foi orientado pelo professor Lúcio Olímpio de Carvalho Vieira.

Do ponto de vista ambiental, as vantagens da utilização do biodiesel são significativas. Sua reduzida toxicidade, o fato de ser biodegradável, não conter enxofre e não aumentar a emissão de gases causadores

do efeito estufa são fatores de aceitação. A vantagem da utilização do biodiesel face à utilização de óleos e gorduras é importante, visto que, no processo de produção, se remove o glicerol, o que permite evitar a formação de substância tóxica.

As desvantagens são: o custo elevado de produção, abaixo de 0°C pode existir o problema de passagem do combustível do depósito ao motor, desde que utilizado puro. Mas, existe ainda um ponto positivo que é a possibilidade de membros da comunidades trabalharem na cadeia de produção, o que geraria renda e uma vida mais digna para os envolvidos.



FLÁVIO DUARTE

Fabrício Pedrotti, do curso técnico em Química da Escola Técnica da UFRGS

verão ■ Colônia de Férias

A Divisão de Alojamento da Secretaria de Assuntos Estudantis da UFRGS informa que no período de 1º a 10 de novembro poderão ser feitas as inscrições ao sorteio das turmas para alojamento em apartamentos e alas em Tramandaí e estúdios em Capão Novo.

As inscrições serão realizadas no site www.ufrgs.br. Para acessar o formulário, o candidato deverá se identificar através do código do cartão da UFRGS e senha. Pensionistas deverão fornecer dados do instituidor da pensão. A lista dos inscritos será divulgada no dia 11 de novembro no endereço www.ufrgs.br e na Divisão de Alojamento da SAE (Av. João Pessoa, 41/2º andar), a partir das 14h.

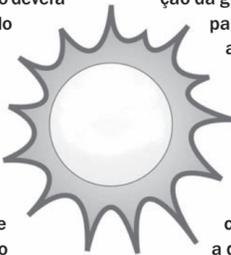
Recursos serão recebidos na SAE, no dia 14 de novembro. A escolha de cada veranista e sua respectiva turma será feita através de sorteio eletrônico elaborado por programa do CPD/UFRGS, e será

realizado no dia 16 de novembro e a divulgação dos resultados ocorrerá no dia 17 no site da UFRGS e na Divisão de Alojamento da SAE.

Os candidatos só poderão inscrever-se em uma turma para Tramandaí ou em uma turma para Capão Novo. A confirmação de vaga se efetivará pela apresentação da guia de recolhimento paga no Banco do Brasil até o dia 5 de dezembro.

Os valores das diárias em Tramandaí são de R\$ 24 para apartamento grande, R\$ 16 em apartamento pequeno e R\$ 4 na ala coletiva. Em Capão Novo, a diária em estúdio é de R\$ 27. O pagamento em

parcela única tem 10% de desconto. Em duas parcelas terá 5% de descontos em pagamentos com cheque. Pagamento em três parcelas será com cheques e sem desconto. Informações pelo telefone 3316 4036 e no site www.ufrgs.br/sae



educação ■ Vagas no Aplicação

O Colégio de Aplicação da UFRGS recebe inscrições, no período de 7 a 11 de novembro, para o preenchimento de vagas na 1ª série do Ensino Fundamental (25 vagas e 10 suplentes), 1ª série do Ensino Médio (15 vagas e 20 suplentes) e 2ª série do Ensino Médio (15 vagas e 20 suplentes).

As inscrições devem ser feitas no Colégio de Aplicação (Av. Bento Gonçalves, 9500), das 12h às 15h, mediante preenchimento da ficha

de inscrição e pagamento da taxa de R\$ 10.

Poderão inscrever-se para a 1ª série do Ensino Fundamental crianças nascidas de 1º de janeiro de 1998 a 1º de março de 2000, e para a 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, jovens nascidos a partir de 1º de janeiro de 1998. O sorteio público será realizado no dia 30 de novembro, no saguão da Escola, às 13h. Os nomes dos candidatos sorteados serão publicados no site www.cap.ufrgs.br.

ecologia ■ Projeto de livro

Em outubro, ocorreu o lançamento do projeto do livro "A Fauna do Parque Estadual de Itapuá, RS", que teve o objetivo de apresentar este trabalho acadêmico e buscar parcerias que viabilizem a publicação da obra em 2006. Esse projeto tem o custo de 200 mil reais e é de responsabilidade do Departamento de Zoologia e do Pós-graduação em Biologia Animal do Instituto de Biociências. O livro terá 20 capítulos em linguagem acessível, incluindo breve histórico do local com a descrição da geologia e vegetação do parque,



REPRODUÇÃO

como pano de fundo para informações sobre a fauna e tópicos relacionados à sua conservação. Interessados em apoiar o projeto de livro podem ligar para o telefone 3316-7702.

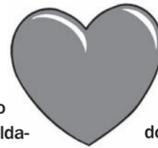
acidente ■ UFRGS perde pró-reitor

O professor Antônio Carlos Stringhini Guimarães, pró-reitor de extensão da UFRGS, 53 anos, morreu na manhã do dia 22 de outubro, em um acidente de trânsito, em Porto Alegre. Triatleta, Guimarães andava de bicicleta pela Avenida Beira-rio, quando foi atropelado por um Corolla.

O pró-reitor de extensão era doutor em Educação Física formado pela UFRGS, com mestrado em Biomecânica pela Universidade de Iowa, nos Estados Unidos, e doutorado em Cinesiologia pela Universidade de Calgary, no Canadá. Nascido na Capital, Guimarães era casado e tinha um filho.

saúde ■ Doenças cardiovasculares

Professores e pesquisadores do Serviço de Cardiologia do Hospital de Clínicas e do Departamento de Medicina Social da Faculdade de Medicina, coordenados pelo professor Flávio Fuchs, tiveram projeto de pesquisa sobre doenças cardiovasculares selecionado pelo Programa de Apoio a Núcleos de



Experiência. "O projeto vai estudar as causas das doenças cardiovasculares, como infarto, derrames, e doenças vasculares periféricas. Muitas causas são conhecidas, como a hipertensão, tabaco e o colesterol, mas resta saber através de que mecanismos elas atuam.", explica o professor.

comunicação ■ Experiência profissional

Um convênio firmado entre a UFRGS e a Prefeitura Municipal de Canoas possibilita a jovens estudantes do curso de Relações Públicas a experiência profissional, em estágio supervisionado por professores da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação - Fabico, no projeto

Comunicação e Atendimento ao Cidadão. O principal trabalho desenvolvido é o atendimento ao cidadão, através de informações acerca da organização da cidade de Canoas e de assuntos de interesse público. Os estagiários atuam também com a comunicação do órgão.

referendo ■ Avaliação do resultado

Após o resultado do referendo sobre armamento, com ampla vitória do "não", o Jornal da Universidade procurou dois de seus professores, com posições antagônicas. Pelo "sim" ouvimos o professor de sociologia, Antônio Cattani, que lembrou as primeiras pesquisas, antes da propaganda na TV, que davam vitória para sua posição. Após o período de esclarecimentos, com o grande poder da mídia, houve uma mudança de posições e o "não" prevaleceu. Para Cattani, o processo apenas referendou a posse de armas para uma minoria da população brasileira, composta

por pessoas de melhor poder aquisitivo.

Pelo "não", procuramos o professor de direito penal, Luiz Carlos Rodrigues Duarte, que afirma que o povo brasileiro disse "não" ao governo federal, e o desarmamento ficou em segundo lugar. Duarte salienta que este referendo abre um sério precedente, pois já se fala em outras consultas populares, deixando o Parlamento de lado. Para ele, o Estatuto do Desarmamento já é bastante restritivo, e a votação de 23 de outubro destinou-se aos 3,5% dos brasileiros que possuem arma comprada no comércio legal.

Breves

CNPq
O projeto "Ancestralidade genômica e identidade nacional - implicações biomédicas e forenses", do professor Francisco Mauro Salzano, foi um dos 34 selecionados entre 236 propostas analisadas pela comissão do Instituto do Milênio do CNPq. O professor Salzano, do Departamento de Genética da UFRGS, coordenará a aplicação de uma verba de um milhão e quatrocentos mil reais em pesquisa científica e de desenvolvimento tecnológico.

CNPq 2
A UFRGS foi a única universidade gaúcha a ter projeto aprovado no programa do CNPq de Redes de Nanociência e Nanotecnologia, que prevê a implantação de até dez redes em todas as áreas de conhecimento. O projeto "Nanocosméticos: do conceito às aplicações tecnológicas" foi elaborado em parceria com pesquisadores da Faculdade de Farmácia, do Instituto de Química, do Instituto de Ciências Básicas da Saúde e do Programa de Pós-graduação em Engenharia Química.

ONU
A Conferência Internacional da ONU, em Genebra, sobre desenvolvimento urbano sustentável teve a presença do professor Rualdo Menegat, do Instituto de Geociências, como único pesquisador convidado do Brasil. A conferência reuniu autoridades, pesquisadores e ONGs de todo o mundo para analisar as inovações que as cidades precisam adotar para contribuir com a sustentabilidade.

Bolsas
Estão abertas as inscrições para o programa de bolsas de estudos de graduação para o primeiro semestre de 2006 na Universidade Autônoma de Madri. Os estudantes da UFRGS terão seis vagas em cursos regulares oferecidos pela UAM. Mais informações podem ser obtidas pelos telefones 3316-3902 ou 3316-4215.

Recadastramento
A UFRGS estará realizando até 25 de novembro o recadastramento dos aposentados e pensionistas. Informações pelo fone 3316-3198.

Administração
O coordenador do Programa de Pós-graduação da Escola de Administração, professor Luiz Felipe Nascimento, recebeu, em Nova York, premiação da instituição americana WRI. O World Resources Institute dá Prêmios aos pioneiros nas áreas sociais e ambientais, com o objetivo de valorizar questões relativas a essa área.

Informática
Estão abertas as inscrições para submissão de projetos para incubação de empresas no CEI - Centro de Empreendimentos em Informática da UFRGS. Os projetos devem ser entregues na forma de Plano de Negócios até o dia 15 de novembro. Os selecionados serão divulgados a partir do dia 15 de dezembro. Informações pelo telefone 3316-6160 ou no site www.inf.ufrgs.br/cei



COTAS RACIAIS

O debate sobre o estabelecimento de cotas para as minorias étnico-raciais nas universidades públicas federais do Brasil tem gerado muita discussão e pouca ação. Meses depois de anunciado com estardalhaço pelo Ministério da Educação, o projeto ainda não saiu do papel.

Recente publicação do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea),

intitulada “Brasil: o estado de uma nação”, afirma que a igualdade de oportunidades é fundamental no combate às disparidades educacionais e mola principal para incentivar alguma mobilidade social. O estudo diz ainda que, nos últimos 20 anos, a evolução da educação superior não foi capaz de acompanhar os avanços no acesso à educação básica, o

que estreitou o gargalo para o ingresso nas universidades.

Enquanto isso, as poucas intuições que já implantaram algum sistema de cotas, como a Uerj, a UnB e a UFPR, enfrentam a falta de verbas para a manutenção dos estudantes beneficiados que, em sua maioria, não têm condições de se sustentar.

Para lançar luzes sobre a questão, o Jornal da Universidade convidou a professora Iara Conceição Bittencourt Neves, do curso de Biblioteconomia da Fabico; e Maria Conceição Lopes Fontoura, técnica em assuntos educacionais. Duas mulheres que têm participado ativamente dos debates promovidos na UFRGS sobre o tema.

Cotas para quê? Para quem?

Iara Conceição Bittencourt Neves

Professora da Fabico e doutora em Ciências da Comunicação pela USP

A discussão nacional acerca da implementação do chamado sistema de cotas de minorias étnico-raciais para ingresso na universidade vem suscitando, pelo menos, duas posições por parte dos debatedores: uma, adere às razões expostas para a sua efetivação; outra, justifica a impropriedade da medida.

O ponto de partida para a análise das implicações dessa chamada política de ação afirmativa, em relação às próprias minorias envolvidas, poderá ser o questionamento sobre a finalidade da adoção das cotas e sobre as vantagens e desvantagens dela advinda para os seus beneficiários. No que se refere à finalidade da implementação das cotas, como forma de garantir o ingresso de estudantes afrodescendentes e indígenas na universidade, é apontada a necessidade do País promover mecanismos que propiciem igualdade de condições de acesso ao ensino superior para todos os brasileiros.

As primeiras versões da proposta do sistema de cotas, surgidas neste início de século, destacavam como beneficiários diretos os afrodescendentes e os indígenas, num percentual de 20% para a população negra e 10% para a população indígena, do total das vagas disponibilizadas pelas universidades. A versão mais recente, veiculada no bojo do texto atual do anteprojeto da Reforma Universitária, já dilui este percentual dentro dos 50% propostos para reserva das vagas para estudantes oriundos da escola pública, e ainda leva em consideração a proporção desde a existência destes segmentos no conjunto da população local.

Assim, pode ser percebido que houve significativa mudança na intenção da proposta. Se, inicialmente, a mesma contemplava com 20% do total das vagas oferecidas por uma universidade o contingente de estudantes negros aptos ao vestibular, sem consideração da origem de sua formação básica, no atual anteprojeto da Reforma Universitária, as reais chances dos estudantes negros diminuíram, quer no que se refere ao percentual de vagas, quer em relação ao tipo de escola cursada. Pois, deixam de ser contemplados com quaisquer outros percentuais os estudantes que cursaram ou irão cursar outras escolas que não as públicas. Porque, não deve ser descartada a eventualidade (e tal acontece) de que haja estudantes negros egressos de escola particulares.

Desta forma, tem-se elementos ponderáveis para questionar a eficácia, a efetividade, a praticidade e a seriedade da proposta de cotas. Assim, no que se refere à

Ingressar na universidade exige boa estrutura familiar e educação básica

cácia, pode-se duvidar do sistema de cotas, se este enfatizar apenas a condição de estudante de escola pública para negros e indígenas. Isto porque, se o objetivo geral da proposta é a promoção de uma pretensa igualdade de condições de acesso, esta igualdade já está desatendida em razão das situações acima enumeradas.

Em relação à efetividade da aplicação da medida, o proponente e seus defensores não apontaram ainda o mecanismo ou os mecanismos que evidenciem a forma como e quando esta medida será adotada pelas universidades públicas e/ou privadas. Nem mesmo o anteprojeto da Reforma Universitária é claro e objetivo quanto a estas questões, deixando a cargo das universidades a forma de sua aplicação, no contexto de seu futuro Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI).

Quanto à praticidade da implementação dessa proposta, não foram ainda apresentadas formas de ação para viabilizar o seu cumprimento. Por exemplo, como o estudante negro ou indígena irá se manter na universidade pública em que a maioria dos cursos é oferecida em dois ou três turnos?

Ingressar na universidade, ocupar uma vaga, permanecer e concluir um curso de graduação e/ou de pós-graduação exige do estudante, seja ele negro, branco ou índio, muito mais estrutura familiar e educação básica do que um percentual de vagas não definido, e portanto discutível, que regulará a forma do seu ingresso no ensino superior.

Cotas raciais já!

Maria Conceição Lopes Fontoura

Técnica em Assuntos Educacionais e mestra em Educação pela UFRGS

O grau de desenvolvimento das sociedades mundiais está relacionado à qualidade de suas instituições de ensino, de pesquisa e de extensão. Anualmente, no Brasil, milhares de pessoas disputam vagas para as universidades públicas, gratuitas e de qualidade. Nestes espaços, entretanto, é reduzida a presença de alunos negros. Segundo o IBGE somente 2% dos acadêmicos são negros. Paire no ar uma pergunta: o que fazer para mudar esta situação perversa?

A população negra brasileira ao longo de cinco séculos tem feito a sua parte. Realiza um embate cotidiano contra o racismo. A segunda metade do século XX assistiu ao vicejar do protagonista negro em todo Brasil. A Marcha Zumbi – contra o racismo, pela cidadania e a vida, realizada em 20 de novembro de 1995, além de celebrar o tricentenário da imortalidade do herói palmarino, forçou o reconhecimento da existência do racismo no País. Como consequência, o governo brasileiro instituiu o Grupo de Trabalho Interministerial para elaborar políticas públicas de combate ao racismo nos ministérios. A Marcha Zumbi+10, marcada para o próximo dia 16 de novembro, realizará uma avaliação das políticas implementadas.

A obrigação de enfrentar o racismo existente no país, de forma propositiva, fica mais evidente com a realização da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e a Intolerância Correlata, ocorrida em Durban, na África do Sul em

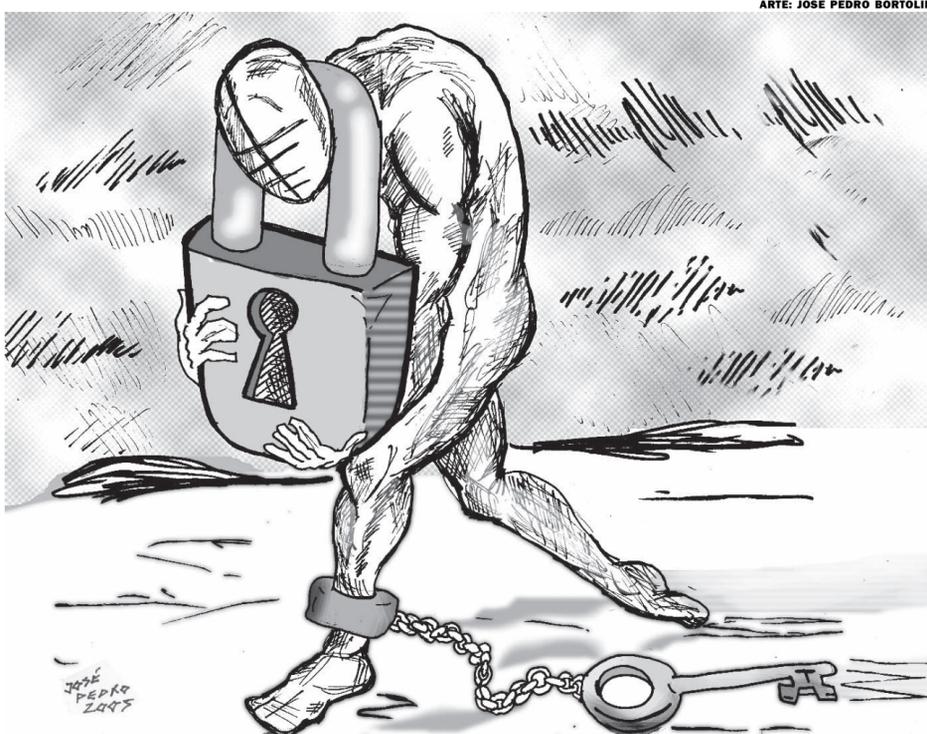
O acesso à universidade deve ser acionado por dentro, por quem tem a chave

2001. O item 122 da Declaração salienta que “as recomendações foram formuladas levando-se em consideração o passado, o presente e o futuro, com um enfoque construtivo e orientado ao futuro. A formulação e a implementação destas estratégias, das políticas, programas e ações, devem ser levadas a cabo de forma rápida e eficiente e são de responsabilidade de todos os Estados, com o pleno envolvimento da sociedade civil em níveis nacional, regional e internacional”.

Em nosso caso particular, há uma tarefa inadiável a ser executada na UFRGS – a inclusão das cotas raciais. Faço coro com o professor dr. Hélio Santos quando ele afirma que “a universidade pública de um país com as características do Brasil deveria ser, antes de qualquer coisa, uma usina geradora de idéias que auxiliasse a reduzir a colossal distância social existente entre os grupos. Uma das alternativas é albergar os talentos provindos dos mais diferentes setores. Mas isso não ocorre. Diante dessa postura da academia, há uma pergunta que se impõe: qual a razão da escassez de idéias que apresentem alternativas a esse quadro de flagrante injustiça? (...) A universidade tem autonomia. Portanto, para abrir o cadeado da porta de entrada não adianta a holdra tentar estourá-lo por fora. O acesso à universidade deve ser acionado por dentro e, conseqüentemente, por quem está de posse da chave”.

Valho-me do professor dr. Kabengele Munanga, da USP, para aplacar os receios das pessoas que zelam pela excelência da universidade. Ele salienta que “as cotas não serão gratuitamente distribuídas ou sorteadas, como imaginam os defensores da ‘justiça’, da ‘excelência’ e do ‘mérito’. Os alunos que pleitearem o ingresso na universidade pública por cotas raciais submeter-se-ão às mesmas provas de vestibular que os outros candidatos e serão avaliados como qualquer outro de acordo com a nota de aprovação prevista. (...) Serão classificados separadamente, restando os que obtiverem as notas de aprovação para ocupar as vagas previstas. Desta forma, serão respeitados os méritos e garantida a excelência no seio de um universo específico”.

Finalizo, bradando por políticas de cotas raciais na UFRGS, já! Os que discordam das políticas afirmativas que apresentem outras formas de diminuir a curto, a médio e a longo prazo a distância existente entre os dois brasis, como salienta o professor dr. Hélio Santos, um Brasil branco e desenvolvido e um Brasil negro e subdesenvolvido.



Crime organizado lucra com a pirataria

Comércio *Vendas de produtos pirateados é crime e a compra poderá vir a ser considerada como receptação*

Jacira Cabral da Silveira

Com a proximidade do final de ano, muita gente procura produtos com preço mais baixo para presentear no Natal. Brinquedos, CDs, DVDs, eletroeletrônicos invadem as ruas, diversificando o número de opções baratas. E aumenta de 20% a 30% o número de camelôs sem licença da Prefeitura no centro de Porto Alegre, os chamados invasores. Só na Praça XV de Novembro, onde estão instalados 380 camelôs legais, a previsão é de que, até dezembro, se estabeleçam mais de 100 vendedores irregulares.

Desde novembro de 2004, com a criação do Conselho Nacional de Combate à Pirataria e Delitos contra a Propriedade Intelectual, esse comércio adquiriu outra conotação. Segundo o presidente do Conselho, Luiz Paulo Barreto, que também é secretário do Ministério da Justiça, a pirataria deixou de ser vista como um fenômeno social, passando a ser encarada como resultado do crime organizado.

Essas mercadorias falsificadas são trazidas por máfias internacionais envolvidas com o tráfico de drogas e com o contrabando de armas. “Para citar apenas a questão econômica, o Brasil deixa de arrecadar anualmente R\$ 27,8 bilhões com esse comércio ilegal.”

O titular da Secretaria Municipal de Produção, Indústria e Comércio de Porto Alegre (Smic), Idenir Cecchim, diz que essa tomada de consciência oficial deve ser trabalhada junto ao consumidor: “A população precisa saber que o produto que está comprando é resultado de trabalho escravo, até mesmo de crianças”. Nesse sentido, há estudos na Smic e no Ministério Público Estadual para tipificar a compra de produtos pirateados como crime de receptação. “Se não conseguimos inibir esse comércio pela conscientização, apelaremos para a punição.”

O vereador Adeli Sell, ex-secretário da Smic e um dos primeiros a defender a criação de uma política de combate à pirataria no país, reitera o comentário de Cecchim. Segundo ele, o comando das falsificações, da pirataria e do contrabando, in-

cluindo a receptação de cargas roubadas, está na mão dos grandes exploradores da mão-de-obra escrava e infantil. Como exemplo, cita a multinacional Bic: embora essa empresa não tenha fábrica na Ásia, é de lá que vem a maior parte dos produtos que recebem a sua marca, principalmente canetas, isqueiros e barbeadores.

Em seus arquivos, Adeli tem registros das condições insalubres e desumanas do trabalho realizado em subsolos e galpões sem condições de higiene, “como se fossem trabalhadores do início da Revolução Industrial”. Isso ocorre na Ásia, especialmente na China e na Tailândia, e também nas “tabacarias” do Paraguai, onde há produção de cigarros de marcas falsificadas. “No Brasil existem muitas fabriquetas de fundo de quintal, que produzem para uma rede internacional de mafiosos chefiados por orientais, sejam eles chineses ou de outras nacionalidades.”

Na cidade de Nova Serrana (MG) estão as maiores fábricas

clandestinas de tênis das mais variadas marcas. “Antes só produziam réplicas de calçados de grifes internacionais, hoje pode-se encontrar até marcas de tênis criadas aqui no Vale do Sinos.” A ven-

da desses produtos pirateados não se restringe às ruas e feiras ao ar livre, também são comercializados em pequenas lojas em *shoppings*, o que torna mais difícil para o consumidor verificar se o produto é falsificado. Nessa hora, Adeli aposta na capacidade do consumidor: “É fácil reconhecer um produto de má qualidade”. Para ele, o combate à pirataria se faz na origem e na ponta desse comércio ilegal, nos camelódromos. “É o local onde o banditismo se nutre”.

Para o doutorando do curso de Direito da UFRGS e advogado especialista em pirataria nas áreas criminal e comercial Roner Guerra Fabris, a posição geográfica do Rio Grande do Sul favorece o tráfego de pirataria em função da proximidade com o Paraguai. Entretanto, ele considera coniventes as relações internacionais que possibilitam o trânsito de mercadoria falsificada. “Sempre seremos con-



FLÁVIO DUTRA
Com o Natal, aumenta de 20% a 30% o número de camelôs no centro de Porto Alegre

Brasil deixa de arrecadar R\$27,8 bilhões por ano com a pirataria

ventes com o comércio ilegal no momento em que somos trajeto desta circulação ou compramos tais produtos.” Ele adverte que tudo o que é vendido sem nota fiscal não tem garantia de que foi fabricado de forma lícita. “São mercadorias que fazem parte de uma cadeia. É como pensar que estamos gastando menos com a compra de um rádio roubado.”

Quem está nas ruas – Antes, os

produtos pirateados chegavam ao Brasil em pequenas quantidades, através de muambeiros ou sacoleiros. Hoje a maior parte desses produtos é contrabandeada por agentes das redes mafiosas que formam a ponta de distribuição no comércio de rua.

“De dois anos para cá, tem aumentado o número de asiáticos entre os vendedores de rua em Porto Alegre”, comenta Fabris. Segundo ele, a chamada máfia asiática apareceu inicialmente na Praça da Encol, vendendo tênis Nike.

Ações mais recentes de combate à pirataria no centro de Porto Alegre têm comprovado a expansão dessas redes. O secretário da Smic, Idenir Cecchim, diz que só neste ano 20 camelôs perderam o direito ao ponto na Praça XV por não terem sido encontrados durante várias visitas de fiscalização. Tinham cedido para outras pessoas o ponto autorizado pela Prefeitura.

Segundo o vereador Adeli Sell, quem está comprando esses pontos é a máfia árabe. “Quem se recusa a vender o ponto, quebra”, explica o vereador. Como forma de pressão, o “dono da rede” baixa os preços dos produtos oferecidos em suas bancas até que os demais cedam. “De-

pois de um tempo, o cara entra no esquema”, diz o vereador.

Mais recentemente, está se verificando a entrada de trabalhadores sul-americanos no esquema da pirataria, principalmente peruanos e bolivianos. Eles são trazidos para o Brasil de forma clandestina para trabalhar na produção de confecções que são vendidas de forma ilegal. O advogado Fabris diz que essas mercadorias – que imitam marcas famosas, mas são de baixa qualidade – têm ampla produção. “Essa máfia é muito bem organizada e movimentada bilhões de dólares”, comenta o doutorando da UFRGS.

Adeli Sell revela uma estratégia surpreendente da máfia asiática que atua no comércio ilegal no país: mulheres chinesas e coreanas que são levadas a engravidar de homens brasileiros e assim obter o visto de permanência para continuar trabalhando para a rede. “É um fenômeno recente, mas comprovado pela polícia civil em Brasília”, argumenta o vereador. Essa informação foi divulgada durante a última reunião do Conselho Nacional de combate à pirataria, do qual o vereador participa como integrante do plantel de colaboradores.

Empresas também têm culpa

Para explicar a proliferação da pirataria, o advogado Roner Guerra Fabris diz que nunca teve notícia de que produtos que não dearam certo tenham sido pirateados. E cita o trabalho que desenvolveu junto a um clube de futebol que enfrentava concorrência desigual na venda de camisetas. Na rua, o produto similar era oferecido aos torcedores por um preço bem abaixo daquele cobrado nas lojas.

“Fizemos busca e apreensão em volta do estádio. Enchemos salas e salas com camisetas, mas não adiantou. Depois de algum tempo, percebemos que, se de um lado havia

um torcedor ansioso por uma camiseta, do outro, estava uma empresa pronta para atender a demanda, e a preços mais baixos, criando, assim, condições para o desenvolvimento de uma rede periférica.” O advogado conclui que, nesse caso, quando há uma vontade de consumo e existe alguém para saciar esse desejo, o direito se torna secundário.

A pirataria de CDs é outro exemplo citado. “Enquanto o custo de produção é de R\$ 0,10 por peça, o artigo chega às lojas ao preço de R\$ 40,00. Essa discrepância entre os valores faz com que o consumidor supra sua vontade através do comércio ilegal. Até

que ponto não é uma falha das empresas em não buscar um produto mais barato para saciar esse mercado e fechar essa brecha?”

No momento, Roner está defendendo uma empresa acusada de violação de um *software* da Microsoft. A favor de seu cliente, ele argumenta: “No momento em que se sabe que 70% dos *softwares* existentes no Brasil são piratas, ou seja, que não pagam direitos autorais, será que podemos dizer que 70% da população brasileira são de má índole? Até que ponto não há uma culpa concorrente da empresa?”



Técnicos da UFRGS continuam em greve

Mobilização A decisão foi tomada pelos grevistas na assembléia do dia 25 de outubro, realizada no RU

Ademar Vargas de Freitas

Em nível nacional, o movimento teve a adesão de 43 universidades e de diversas escolas técnicas, além da entrada de professores na greve, o que permite que as atividades sejam feitas em conjunto. O Comando Nacional de Greve – que tem três representantes da Associação dos Servidores da UFRGS (Assufrgs) – atua em duas frentes, no MEC/Planejamento e no Congresso Nacional. No final de agosto, a caravana nacional reuniu cerca de mil pessoas em Brasília, pressionando pela abertura das negociações, que haviam sido suspensas pelo governo.

Mas, na UFRGS, a mobilização não está tão forte quanto em anos anteriores e não teve o apoio dos professores. A coordenadora geral da Assufrgs, Bernadete Menezes, calcula que em torno de 55% dos técnicos-administrativos da Universidade tenham aderido. Mesmo assim, muito divididos, tanto na categoria quanto no comando. Antes de o governo retomar as negociações, no final de outubro, um setor sugeria suspender a paralisação e negociar; outro, preferia negociar em greve, como ocorreu no ano passado, para ter mais poder de pressão.

Segundo Bernadete, esses grevistas não acreditavam que, se parassem a greve, o governo iria negociar com eles, uma vez que já rompeu a negociação com a Confederação dos Servidores Públicos Federais (Conisef), representante dos demais sindicatos de

servidores que não são da Educação nem da Previdência. “Com esses companheiros não foi cumprido o acordo, e com os da Previdência também não houve acordo favorável após mais de 70 dias de greve. Pela primeira vez na história, os previdenciários estão respondendo os dias parados no fim-de-semana. Nem no governo FHC isso ocorreu.”

Bernadete lembra que a categoria há muito tempo não tem concurso. “Estamos tendo um embate duro com o governo, que, no entanto, não é duro com os banqueiros, com o latifúndio, com o agronegócio. Somos as maiores vítimas dessa política econômica que faz o contingenciamento do orçamento e corta verbas para a universidade pública.”

Reivindicações – Em primeiro lugar, os técnicos-administrativos da UFRGS em greve querem a garantia do pagamento da segunda fase do plano de carreira da categoria, conquistado no ano passado. De acordo com Bernadete, o governo se comprometeu em fazer essa segunda fase, que está no orçamento, mas ainda não está delimitado como verba para os técnicos-administrativos. “Queremos essa garantia, que o governo nos deu por escrito e que já é uma das conquistas desta greve.”

Outro ponto é achar uma solução para o vencimento básico complementar (VBC). Bernadete explica que, quando houve a transposição para a nova tabela, alguns colegas que estavam em final de carreira ficaram com um



FLÁVIO DUTRA

Enquanto no resto do país a greve é forte, na UFRGS a categoria está dividida

salário complementar pendurado; e, a cada reajuste no vencimento básico ou fundamental, esse complementar ia sendo abtido. “Então, na realidade, eles

As negociações foram retomadas recentemente pelo governo

não teriam reajuste, o que seria uma situação bastante complicada. Nós queremos resolver isso por dentro da carreira.”

A proposta apresentada pelo Comando de Greve ao governo é elevar o valor do chamado estepe a que os técnicos têm direito a cada dois anos e que hoje está em torno de 3%. “Queremos que passe para 5%, mas o governo propõe 3,6% para janeiro de 2006. Se houvesse essa alteração no valor do estepe, se colocaria todo esse vencimento básico para dentro do salário, e toda a categoria teria reajuste. Outra reivindicação é aumentar o básico, que hoje é de R\$ 701,00, para três salários mínimos, o que dá em torno de R\$ 900,00.”

Além dessas reivindicações fundamentais, há outras, como a questão da racionalização dos

cargos, que é o caso de servidores que estavam no nível médio na antiga tabela e ficaram na letra C e não na D. E questões específicas, como: 1) o parcelamento do valor recebido nas férias, que hoje é antecipado e depois descontado de uma vez só (o ideal seria parcelar em duas, três ou quatro vezes); 2) o auxílio alimentação, que só foi dado nas primeiras fases; faltou a última, em que se prometeu dobrar o valor, que agora é de R\$ 126,00. 3) o auxílio saúde, sobre o qual foi aberto um debate no início do governo Lula, visando a criar um plano específico para os servidores públicos, mas que agora está parado.

Uma nova proposta de reforma agrária

Agronegócio Professores de centro de pesquisas da UFRGS visitaram um projeto inovador no Piauí

Renan Carvalho Rodrigues

Aquele consenso vigente no Brasil de que o Piauí é o estado mais pobre da federação pode ser uma estratégia com o fim de afastar migrantes indesejados. Dois pesquisadores da UFRGS que visitaram o estado, no mês de abril, constataram que a realidade é bem outra e se surpreenderam com o desenvolvimento de um projeto de reforma agrária inédito no país.

Situado no Nordeste, o Piauí é o estado da federação com o menor trecho de costa – apenas 66 km –, mas dotado de um litoral privilegiado, com o único delta em mar aberto do continente americano. O ecossistema nesta região é composto de diversas ilhas, lagoas, igarapés e praias de areia fina, tomadas por dunas e coqueirais. Além da riqueza ambiental do Delta do Parnaíba, o turismo piauiense se apóia também em importantes sítios arqueológicos, entre eles o Parque Nacional da Serra da Capivara, considerado patrimônio da humanidade pela Unesco.

Na fazenda Santa Clara, no município de Canto do Buriti, onde foram assentadas cerca de 600 famílias de agricultores, desenvolve-se o Programa Biodiesel do governo federal, a partir do cultivo da mamona, consti-

tuindo-se num novo modelo de reforma agrária.

“A única bandeira que se vê hasteada no mastro à frente do assentamento é a do Brasil” – constatou o professor Homero Dewes, do Instituto de Biociências da UFRGS, que lá esteve no primeiro semestre deste ano, acompanhado do professor Cláudio Mário Mundstock, da Faculdade de Agronomia. Ambos visitaram o Piauí, representando o Centro de Estudos e Pesquisas em Agonegócios (Cepan) da UFRGS, atendendo convite da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf).

Programa biodiesel – Os professores testemunharam que o Programa Biodiesel constitui uma nova alavanca para o desenvolvimento rural do Nordeste. O professor Dewes relatou no programa da Rádio da Universidade “Em Dia com a Ciência” que, naquela região, o estado tem promovido silenciosamente uma nova reforma agrária, mediante



Assentamento, localizado no município de Canto do Buriti, no Piauí, é modelo de reforma agrária

estratégia inovadora, contando com a parceria de empresas privadas interessadas em ganhar dinheiro com o biodiesel. O estado entra com as terras, em regime de comodato com os investidores privados, e assume o compromisso de comprar o óleo de mamona produzido, a preço previamente estabelecido, com parte do custo público descontado do investimento. As demais responsabilidades, iniciativas e custeios

ficam inteiramente a cargo das empresas privadas contratadas.

Nos termos dos contratos firmados com o governo, durante o período acordado, as empresas realizam os investimentos, tanto para a produção agrícola e industrial do óleo de mamona e das culturas consorciadas, quanto para a instalação e o funcionamento da infra-estrutura física e social dos assentamentos. As empresas também respondem pela seleção

preparar o biodiesel a preço subsidiado. O professor Dewes acredita que uma das motivações do governo para apoiar um empreendimento social que foge ao controle direto da sua burocracia “seria a de buscar contornar, com a ajuda da iniciativa privada, as dificuldades de gestão que ameaçam a sustentabilidade de assentamentos realizados sob outras bandeiras, que não aquela de todos os brasileiros”.

Organização dos estudantes gera benefícios

Comportamento *Moradores da Casa do Estudante do Campus Centro dispõem de conexão com a Internet*

Dalva Bavaresco e Fabiane Machnatz Lima

A Casa do Estudante Universitário da UFRGS (CeU), localizada na Avenida João Pessoa e fundada em 1971, abriga hoje 396 estudantes carentes oriundos do interior e de outros estados. Para conseguir uma dessas vagas é necessário passar por um rigoroso processo seletivo que, conforme relata o estudante de Agronomia João Guilherme Leite, "é talvez mais difícil que o próprio vestibular". Eunice Fabiane Hilleshein, do curso de Enfermagem, teve dificuldades para ingressar na casa. Em sua primeira tentativa, ficou entre os suplentes, e como precisava muito da oportunidade para dar prosseguimento a seus estudos, teve que dormir durante cinco meses no chão do quarto de duas moradoras conhecidas, até finalmente conseguir ser admitida.

Após o ingresso, tem início um processo de adaptação, nem sempre fácil. A redução da privacidade, os problemas de convivência e a saudade da família são algumas das dificuldades que os estudantes enfrentam. Facilitar a integração e oferecer acompanhamento aos estudantes, observando a relação que mantêm com seus colegas de quarto, entre outras atividades, é o objetivo do Serviço de Atendimento ao Morador (Sam), que dispõe de duas assistentes sociais, dois psicólogos e um psiquiatra. Esses serviços são uma das vantagens oferecidas pela CeU por ser gerida pela Secretaria de Assuntos Estudantis (Sae).

Peculiaridades – Entre as diferenças da CeU em relação às demais casas, a socióloga Maria Elizabete Martins, coordenadora das Casas de Estudantes da UFRGS, destaca a portaria 24 horas, a sala de estudos e a conexão com a Internet em todos os quartos. João Guilherme conta que foi na base da organização que os moradores conseguiram a instalação dos pontos de rede: "Estávamos com um problema de custo, então, fizemos uma rifa e arrecadamos o dinheiro necessário para comprar os cabos". É também a partir desta prática de cooperação mútua que moradores se unem

Casa oferece portaria 24 horas, serviço ao morador, e sala de estudos

para comprar máquinas de lavar. "Dividimos entre umas dez pessoas. É feita uma escala de horários e dias para que todos queiram utilizá-las ao mesmo tempo, e está dando certo", completa ele.

A proximidade do restaurante universitário, que oferece as três refeições diárias, é uma comodidade que todos reconhecem. Além dela, a localização é outro fator positivo apontado: a casa fica no Campus Centro, o que, se por um lado facilita o deslocamento, por outro, traz algumas desvantagens como o barulho e a falta de espaços abertos. "Parece que moramos em um condomínio, um lugar super fechado em que a possibilidade de se cultivar uma planta, por exemplo, é quase nula", afirma Janaína Kalsing, estudante de jornalismo que há dois anos mora na CeU. O aproveitamento do terraço para a realização de confraternizações foi uma das alternativas encontra-

das para atenuar este problema. Além disso, atividades como oficinas e reuniões são realizadas na sala X, localizada no segundo andar, que também é usada para hospedar visitantes.

Mesmo não tendo sistema de autogestão como as demais moradias da UFRGS, os estudantes participam da organização da Casa, através de representantes de andar e da Associação de Moradores da CeU (Amceu), composta por três estudantes eleitos em assembleia anual. Entre as contribuições mais recentes da associação está a participação direta na modificação do estatuto interno, elaborado pela administração.

O primeiro bebê da Casa

A aluna de Publicidade e Propaganda da Fabico Vivian Camila Dall'Alba tem sua história de vida ligada à da CeU: foi o primeiro bebê a morar na Casa. Seu pai, Norberto, cursava Engenharia Elétrica, quando começou a namorar Clementina, estudante do segundo grau, e a convidou para dividir o quarto. Naquela época, a Casa não era restrita aos alunos da UFRGS, e o casal passou a morar junto. "Minha mãe engravidou e foi preciso brigar muito para continuar lá. Fizemos até uma assembleia para decidir se permitiriam", relata Vivian. Optaram por sua permanência e a menina pôde morar na casa durante seus primeiros meses de vida.

Em pouco tempo, o bebê tornou-se o xodó da casa: "As tias responsáveis pelo andar cuidavam de mim quando minha mãe saía, trocavam fraldas, me faziam dormir...". Algumas delas trabalham lá até hoje e



FLÁVIO DUTRA
Vivian Camila Dall'Alba, 20 anos, nasceu na Casa do Estudante, onde mora atualmente

se emocionaram ao descobrir que a criança que cuidaram quando pequena, agora, voltou a ser uma das moradoras da casa.

Os pais de Vivian mudaram-se para um apartamento alugado oito meses após seu nascimento. Isso porque, apesar do regimento interno da Casa não proibir explicitamente a permanência de bebês, conforme observa Elizabete, "as casas de estudantes não são ambientes propícios para abrigar uma criança. Não há espaço físico, nem condições adequadas para o

desenvolvimento físico e pedagógico". Embora nenhuma mulher tenha sido expulsa por causa de uma gravidez "procuramos fazer com que elas entendam que esta não é a situação ideal, que o ambiente não é apropriado", completa a coordenadora.

Nos últimos anos, foram registrados dois casos de maternidade e, atualmente, outra moradora espera um filho, que, assim como a mãe, talvez um dia venha a estudar na UFRGS e buscar abrigo na Casa.

XVII Salão de Iniciação atraiu público jovem

Tanira Dornelles

Sumô de robôs; circo da Física; *rappel* urbano; *workshop* de arte; réplica de uma mina; projeto mini-Bajas: estas são algumas das atrações apresentadas pelo XVII Salão de Iniciação Científica e XIV Feira de Iniciação Científica, que tomaram conta do Campus Centro da UFRGS de 17 a 21 de outubro. Com um recorde de 2.989 trabalhos apresentados e participação de 52 universidades de todo o Brasil, o SIC escolheu como tema "Rituais de passagem", visando a retratar as diferentes fases que o estudante de iniciação vive durante a realização de um projeto. Realizado no Campus Centro – e não mais na Esec como nos últimos anos – o Salão contou com maior visitação da comunidade, o que facilitou a integração dos participantes. Para o reitor José Carlos Hennemann, a grande mudança deste ano é justamente esta: "Sendo uma expressão da

Universidade como um todo, é importante que haja esta mudança; a tendência é que a cada vez se use um espaço distinto dentro da UFRGS, dando maior mobilidade ao evento". Para o público, três das principais atrações foram o sumô de robôs, o *rappel* urbano e a réplica de uma mina. O sumô de robôs é um projeto dos estudantes de Engenharia de diversas instituições que trouxeram seus projetos (mini-carros ou robôs) e promoveram uma competição entre eles. A final foi disputada entre Saci, o robô da UFRGS, e Monbaha, da Universidade de Passo Fundo, sendo o último o vencedor. A competição se repetirá no próximo ano. Funcionários e estudantes da



FLÁVIO DUTRA

UFRGS praticaram *rappel* urbano, descendo do topo da Faculdade de Educação até o pátio do estacionamento do Campus. O objetivo da atividade era expressar simbolicamente o ritual de passagem através do qual o aluno deve ultrapassar a barreira do medo na

hora de apresentar o seu trabalho diante de uma platéia. Um dos projetos mais visitados pelo público foi a reconstituição de uma mina, que visava demonstrar a dificuldade daqueles que fazem a extração de pedras em Ametista do Sul (RS). O projeto consiste na implantação de dutos de ventilação para diminuir a concentração de poeira dentro da mina, ajudando a prevenir doenças respiratórias entre os trabalhadores. Os visitantes puderam entrar na mina e observar a extração da poeira. "É muito interessante ver as difíceis condições de trabalho que estas pessoas enfrentam", afirmou a estudante Fernanda Lima de Souza. De todos os projetos expostos, houve mais de 300 destaques, dos quais a comissão julgadora teve que escolher apenas um em cada área de conhecimento. Mas, para o vice-pró-reitor Pedro Fonseca, o grande ganhador é a UFRGS, por abrir as portas da Universidade e da Pesquisa não só para a sua comunidade, mas para o Brasil inteiro. Durante o discurso de encerramento, ele salientou que não existe um evento da mesma grandeza e mesmo formato em nenhum outro lugar do país.

PREMIADOS NO SIC

- Eduardo Fontana** (Ciências Exatas e da Terra)
- Emilene B. da Silva Scherer** (Ciências Biológicas)
- Thiago Rosa Figueiro** (Engenharias)
- Roberta Davis** (Ciências da Saúde)
- André Felipe Streck** (Ciências Agrárias)
- Luciano da Ros** (Ciências Sociais e Aplicadas)
- Débora Allebrandt** (Ciências Humanas)
- Rafael de Oliveira** (Linguística, Letras e Artes)



Nós passaremos; a Feira, passarinho



Literatura Como os escritores se tornaram os verdadeiros artistas da praça e o que eles pensam sobre as mudanças na Feira do Livro



Marcelo Spalding *

Ele aprendeu a gostar da Feira antes mesmo de conhecê-la. Um dia passava pela Praça da Alfândega, pensando no brilhantismo do ataque colorado formado por Larri e Bodinho, quando viu uma intensa movimentação de pedreiros. Curioso, mal chegou na redação do Correio do Povo, quis saber de P.F. Gastal, já uma espécie de guru cultural, o que era aquilo. “Ora, menino”, teria dito Gastal, “tu passaste por ali e vens perguntar pra mim? Volta lá, por castigo, pergunta o que está acontecendo, fala com todos que puderes falar e depois vem para cá e faz uma notícia sobre isso”. E assim ele descobriu a Feira, e assim a Feira se tornou seu refúgio nas horas de almoço.

Aquelas barracas simples com seus homens de terno escuro, aqueles livros empilhados ao alcance das mãos pareciam sempre ter estado ali, na praça do Cinema Imperial, do Guarani, da Farmácia Carvalho. O jovem repórter gosta da paisagem, caminha devagar, sob a sombra dos jacarandás. A barraca da Cia. Editora Nacional anuncia biografia de Monteiro Lobato. Ele vasculha as caixas de saldo, encontra uma edição em brochura das tragédias de Ibsen. Senta-se num banco para examinar os seis volumes, nem imagina que teriam lugar de destaque em sua biblioteca 50

* Marcelo Spalding é jornalista formado pela UFRGS, vice-presidente da Associação Gaúcha de Escritores e membro do Grupo Casa Verde.

anos depois. Menos ainda que, dali a 48 anos, seria o patrono da maior feira a céu aberto da América Latina.

A história de Walter Galvani, hoje jornalista consagrado, escritor respeitado, patrono da Feira em 2003 e autor, entre outros, do livro *A Feira da Gente*, é apenas uma entre as tantas contadas pelos escritores. E contadas com carinho, saudade, orgulho.

Dona Maria, por exemplo, nunca esqueceu o dia em que pela primeira vez encostou num escritor, olhou de perto para um

No Rio Grande do Sul, antes da Feira, havia atividade literária, mas não vida literária

escritor. “Eu tinha muita vontade de ter um autógrafo do Mario Quintana, pois os primeiros poemas que ouvi foram do livro *Canções*, lidos pela minha mãe. Mas eu não sabia se as pessoas, não sendo convidadas, podiam pegar um autógrafo. Hoje é uma coisa elementar, mas não se sabia”, diverte-se Dona Maria. “Então eu comprei o livro, fui pra fila, e saí da fila, fui pra fila, saí da fila... Na época eu trabalhava como secretária numa enfermagem da Santa Casa, e de repente avistei meu chefe. Ele me chamava de Dona Maria, e perguntou: Dona Ma-

ria, o que a senhora tá fazendo aqui? Eu respondi: queria pegar um autógrafo do Mario Quintana, mas não sei se posso. Então ele me puxou pela mão, foi lá na frente da fila e disse: Mario, depois tu dá um autógrafo bem bonito pra Dona Maria aqui. Eu tinha 19 anos”, recorda, sorridente, Valesca de Assis, hoje premiada e reconhecida escritora.

Waldir da Silveira, presidente da Câmara Riograndense do Livro (CRL), acredita que os escritores consagrados “amam a Feira de paixão porque começaram nela, são filhos dela”. Mas no início, recorda Silveira, “era uma feira de vendas, clara e exclusivamente, já que as pessoas tinham uma certa restrição de entrar numa livraria”.

Foi a partir de Erico Verissimo, em 1956, que o escritor virou um artista na Feira. Erico, que em 1955 não conseguira voltar dos Estados Unidos a tempo de participar, lançava o livro *México* e importava para o Brasil a sessão de autógrafos. “Até então, os escritores achavam aquilo um exibicionismo, e Erico foi fundamental para popularizar e incentivar os demais autores”, lembra Galvani. Não era uma sessão como se conhece hoje: o autor permanecia alguns momentos na banca da sua editora e, ali mesmo, assinava os exemplares dos leitores.

Ao longo do tempo, os escritores foram se afirmando como a personificação da Feira, especialmente os patronos. Em cerca de 70% das vezes, o patronato, instituído em 1965, coube a um

escritor (livreiros, jornalistas, pesquisador e publicitário também foram patronos). “O escritor é o grande artista que nos propicia o produto livro. E se o autor vende, a editora vende, o distribuidor vende e o livreiro vende”, afirma Waldir, rejeitando uma eventual disputa entre escrito-

res e editores.

Mais tarde, especialmente ao longo dos anos 90, a criação de atividades paralelas na Feira intensificou a importância do escritor e da literatura. “Essas atividades valorizam o trabalho do escritor e ajudam a promover a vida literária. Guilhermino César



Panorâmica da Feira e da Praça da Alfândega na década de 60, quando as flores de jacarandás enfeitavam as capas e páginas dos livros expostos

dizia que aqui no Rio Grande do Sul havia atividade literária, mas não vida literária. Esta, veio com a Feira do Livro”, lembra Galvani.

Em 2005, segundo dados da Câmara, houve 713 sessões de autógrafa, reunindo cerca de 1.900 autores, devido às antologias, além de 258 eventos na área adulta, 260 na área infantil e 47 oficinas. Todas, atividades gratuitas.

Mas, depois de 50 anos, como será que os escritores vêem a Feira do Livro? É verdade que a maior parte da atual geração visita a Feira desde criança, muitos nem lembram daqueles tempos bucólicos ou do poeta-passarinho passeando pela praça. Hoje não sabem que a velha Alfândega tinha o Imperial, o Guarani e a Farmácia Carvalho. Ainda assim, todos reconhecem uma mudança profunda.

“Antes, a Feira cabia num olhar, como disse o querido Arnaldo Campos. O tempo andava de bonde, mais devagar, as relações e as conversas eram mais lentas, envolventes, confortáveis. Falava cada um por vez. Olho no olho. Mas hoje a Feira, como um todo e como instituição, é mais importante”, sintetiza o escritor Jaime Cimentini.

Diversos escritores compartilham a idéia de mudança necessária. Entre eles, está a patronesse de 1996, Lya Luft, para quem “o crescimento, a expansão, o tamanho, os mil acontecimentos, os palhaços, as crianças, os teatrinhos etc tiraram muito daquele ar bucólico inicial”. Questionada se a Feira teria perdido importância diante das megalivrarias e desse gigantismo, ela diz que “só na Feira há um encontro cotidiano com livros, escritores, literatura, enfim”. Paulo Bentancur, autor, entre outros, do livro dos 40 anos de história do evento, lembra que “a Feira é uma tradição, e tradições não caem, mesmo com mudanças, como o advento das megalivrarias”.

Se traduzido em números, o crescimento da Feira do Livro é espantoso. Em 1956, ano em que Erico tornou-se protagonista do evento, havia 14 barracas e foram vendidos 28.945 exemplares. Em 2003, ano em que Galvani foi patrono, o número de barracas tinha subido para 124 e as vendas tiveram um crescimento de 2.350%: venderam-se 470.000 exemplares.

Esse gigantismo é o que mais incomoda os escritores – e provavelmente o público em geral –, especialmente pela multidão que se concentra num espaço pequeno. Nóia Kern, coordenadora do Núcleo de Literatura da Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ), reclama: “Não é possível caminhar e escolher livros sob cotoveladas”. Valesca de Assis entende, mas lamenta esse crescimento: “Penso que perdemos a possibilidade de fruição na Feira. Ficou muito grande, há muitos seguranças em torno das barracas, além da natural aglomeração de compradores”.

Mesmo assim, em enquete realizada com 22 escritores gaúchos (veja quadro ao lado), 65% dizem ainda ter o hábito de passear pelos estandes e procurar bons livros nos saldos. O que, então, se perdeu? Será que essa impressão nostálgica de que as Feiras do passa-



Walter Galvani aprendeu a gostar da Feira antes mesmo de conhecê-la

do eram mais humanas, mais românticas, encontra eco nos escritores gaúchos?

Charles Kiefer tem opinião forte em relação à nostalgia. Para ele “a Feira está deixando de ser uma quermesse”. Léa Masina, apesar de concordar que o romantismo da Feira se perdeu, relativiza o que seria esse romantismo: “Acho que o romantismo era o nosso sentimento utópico de que a leitura torna os homens melhores”. Walmor Santos questiona inclusive se houve romantismo no passado: “Sempre foi uma feira comercial. Temos a teimosa saudade das coisas do passado... Não sei se isso é bom”.

Para Walter Galvani, a Feira e a cidade têm uma relação de paixão indestrutível

Patrono da Feira em 2001, Armino Trevisan concorda que algo se perdeu. O quê? “Diria que a presença de Erico, Dyonélio e Quintana, os barbudos do tempo da ditadura, certa desordem e correrias em dias de chuva, as barraquinhas (mais caipiras que as de hoje), bares e cafés mais baratos. E sobretudo: livros usados e antigos, que não eram sobras de *best-sellers*, mas obras-primas esquecidas nas prateleiras”, responde Trevisan.

Muitas das mudanças na estrutura do evento, fundamentais para o crescimento do afluxo de público, remetem aos anos 90. Entre elas a cobertura contra a

chuva e a inovação na arquitetura das barracas, testadas pela primeira vez em 1994, quando Waldir da Silveira, hoje presidente da CRL, era coordenador da Feira dos 40 anos. Questionado sobre a perda do romantismo de outras Feiras, Waldir lembra que antes se tinha uma cidade com 300, 400 mil habitantes. Hoje temos um milhão e meio só em Porto Alegre, fora a Região Metropolitana. “São mais pessoas, consequentemente, mais livreiros, mais comerciantes de livros, o crescimento é natural”, conclui.

Waldir comemora com especial entusiasmo dois aspectos da Feira. Primeiro, a repercussão alcançada fora do Estado: “A Feira é muito querida no Brasil inteiro. O Carlos Heitor Cony, por exemplo, toda vez que me encontra, diz: ‘Vocês fazem a Feira mais bonita e mais simpática deste país’”. Segundo, a facilidade da população em participar: “Nossa feira é a mais democrática, nenhuma atividade é paga. Inclusive, temos um fim de semana de passe livre, nem condução se paga”.

Consolidada como um conceito, a Feira recebe hoje dois milhões de visitantes e se espalhou por mais de 100 cidades gaúchas e outras tantas pais afora. Mais que o suficiente para que os escritores, de um modo geral, não apenas reconheçam como aplaudam esse crescimento. Em tamanho, é verdade, mas também em importância, repercussão e abrangência. “A Feira está abrindo espaço para quem verdadeiramente é capaz de mudar o mundo, que são as crianças. E esse trabalho eu acho muito importante, porque, se a criança aprender a gostar do objeto livro, aquilo vai estar incorporado à essência dela”, afirma Valesca.

Assim, a cada ano mais, a Feira do Livro se torna um símbolo de Porto Alegre, como o Laçador, o Gasômetro, o pôr-do-sol. Mesmo que não tenha sido inventada na cidade, foi redescoberta por ela. Galvani, voz embargada, chega a afirmar que “a Feira e a cidade têm uma relação de paixão que é indestrutível”. Voz embargada talvez pela lembrança do jovem repórter sob a sombra dos jacarandás. Pela saudade de Erico, Dyonélio, Caio Fernando, Guilhermino, P.F. Gastal. Embargada pela lembrança do poeta-passarinho, esculpido em bronze na sua querida Feira imortal.



ENQUETE

Qual a importância da Feira do Livro na era das megalivrarias?

“As megalivrarias facilitaram, só até certo ponto, o acesso ao livro. Experimente entrar numa delas. Você ficará confuso, pois as publicações - as mais diversas - se atropelam umas às outras.”
Armino Trevisan (patrono em 2000)

“A Feira é um verdadeiro festival da literatura, com palestras, painéis, apresentações, sem falar no convívio proporcionado às pessoas e na possibilidade de encontros entre escritores e leitores.”
Moacyr Scliar (patrono em 1987)

“A Feira é uma festa que oferece ao público espaços para o convívio com escritores, animadores culturais, editores, distribuidores, enfim, com toda a cadeia produtiva que tem o livro como foco.”
Marô Barbieri (presidente da Associação Gaúcha de Escritores)

“A Feira é uma tradição, e tradições não caem, mesmo como o advento das megalivrarias. Além disso, ela é bem mais democrática. E mais simpática. E mais completa. E tem clima de festa, coisa que megalivraria não tem.”
Paulo Bentancur

“A importância da Feira é simbólica: o livro na praça, democratizado, acessível. Eu me orgulho de viver numa cidade cuja Feira do Livro já tem meio século.”
Charles Kiefer

“É questionável se feira de livro forma leitores, mas é inegável que é um evento de grande qualidade e importância, que deve ser prestigiado por todos.”
Walmor Santos

“A Feira do Livro faz parte da identidade da nossa cidade. Quando se pensa em Porto Alegre, se pensa na Feira. Além disso, é o evento que coloca em contato autor, obra, leitor e, de alguma forma, todos saem enriquecidos.”
Jane Tutikian

“Na Feira há um encontro concreto, cotidiano, informal das pessoas com livros, escritores, literatura, enfim.”
Lya Luft (patronesse em 1996)

“As Feiras do Livro fazem da leitura um fato social, criam debates na grande imprensa, promovem livros e autores.”
Vitor Biasoli

“A Feira é espaço de celebração amorosa do livro: é olhar, tocar, acarinhar, despedir-se, voltar depois para buscá-lo.”
Valesca de Assis

“A Feira proporciona um convívio que as megalivrarias não possuem por seu caráter mais pessoal.”
Fernando Rozano

“A Feira do Livro já seria suficientemente importante por se constituir num evento que chama a atenção para a literatura. Ela dinamiza a cultura e mobiliza leitores, escritores, educadores e educandos.”
Paula Mastroberti

“A Feira é uma festa da cultura. Cria uma atmosfera especial.”
Juremir Machado da Silva

“A importância da Feira do Livro reside no grande encontro ao ar livre, nas mil atividades paralelas, nas visitas de escritores, na azaração nos corredores, bares etc., e nos grandes espaços que o livro ganha da mídia.”
Jaime Cimentini

“Acho que o mais importante da Feira é a festa. Se a melancia tem festa, se a uva tem festa, o livro também pode ter.”
Ernani Ssô

Outras questões

Questionados se a Feira é do livro ou da literatura, 33% dizem que de ambos e 67%, do livro, sendo que, destes, 57% mencionaram que deve ser assim mesmo.

Sobre o que é mais importante na Feira, dois terços acham que é o todo, 28% consideram a venda de livros e um dos escritores afirma que tudo, menos sessão de autógrafa, “que é uma chatice”.

O romantismo da Feira se perdeu, ou “algo se perdeu” para um terço dos escritores. Dos 67% que afirmam nada ter se perdido, 15% dizem que sempre foi assim e 42% lembram que foi a vida o que mudou.

Além dos acima citados, participaram da enquete os escritores Arthur Torelly Franco, Léa Masina, Nóia Kern, Leonardo Brasiliense, Gustavo Finkler, Marcelo Carneiro da Cunha e Faustino Machado.



EDUARDO SEIDL



EDUARDO SEIDL



CRISTIANO SANT'ANNA



CRISTIANO SANT'ANNA



Paraguaio considera brasileiros violentos

Nossos vizinhos 3 Depois do conflito, restaram mulheres, velhos, crianças e a memória o extermínio

Jacira Cabral da Silveira

“Minha avó falava que o brasileiro é mau e violento,” lembra Oscar Torres Figueiredo, engenheiro florestal, professor da Universidade Nacional de Assunção, no Paraguai, e desde 2004, doutorando junto ao Centro de Estudos e Pesquisa Econômicas da UFRGS. Quando chegou pela primeira vez ao Brasil, para fazer mestrado em Santa Maria, ficou surpreso com o povo que encontrou, diferente daquele sobre o qual ouvia falar desde criança. “Pensava que ia encontrar pessoas negras, agressivas e fechadas.”

A percepção da avó de Oscar e a noção de um país de negros para identificar o Brasil têm raízes históricas. Depois de ser dizimado na Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai e Argentina), o povo paraguaio passou a ver os descendentes de seus algozos como violentos e maus, tamanho o sentimento de perda. Segundo Oscar, a guerra provocou um efeito psicológico e outro físico.

Psicologicamente, desenvolveu-se o sentimento de inferioridade. Disseminaram-se os vícios do fumo e da bebida. “A auto-estima se perdeu no Paraguai.” No aspecto físico, ocorreram alterações genéticas em decorrência do povo ter se reduzido basicamente a mulheres, velhos e crianças. “A estatura do povo diminuiu, ficamos menos robustos e com menor capacidade para o trabalho.”

Segundo Oscar, a educação escolar também reforça o sentimento de um país vitimado pela guerra. Solano Lopes até hoje é considerado o herói máximo do Paraguai e fonte inspiradora do lema do exército nacional: vencer ou morrer. Entretanto, Oscar reconhece que determinados segmentos de seu país também contribuíram para piorar a situação pós-guerra para o povo. “De um lado, formou-se uma aristocracia latifundiária, de outro, um povo dizimado, vagando pelos prados, campos e matos. Um povo marcado por furtos e mulheres violentadas.”

Outra idéia que o paraguaio faz do povo brasileiro é de um país de negros, isto porque os escravos brasileiros que participaram da guerra desertaram e ficaram no Paraguai. Devido a seu odor acentuado, eles foram chamados de kambá, que em português quer dizer gambá, animal de cheiro forte. Por isso, Oscar pensava que encontraria apenas negros no Brasil. Essa noção se atualiza quando seu povo vê os jogadores de futebol brasileiros na tevê ou no campo: “São negros na sua maioria”.

Diante das perdas e marcas históricas, o doutorando deixa transparecer o sentimento comum entre os paraguaios em relação ao povo brasileiro: “Quando o presidente Lula visitou a África falou de uma compensação histórica, mas nunca os brasileiros pensaram em compensação histórica para o Paraguai.”

Fronteiras – O tema da tese de doutorado de Oscar é a expansão



Brasileños depredan más de un millón de hectáreas en el Chaco

En las últimas horas autoridades nacionales han incautado numerosas maquinarias de gran porte destinadas al desmonte masivo en Alto Paraguay. Los equipos ingresaron irregularmente y operaban en estancias de brasileños.

ULTIMAHORA
ADMON. MARTES 23 DE AGOSTO DE 2005 | Año XXVI | Nº 10.776 | 188 páginas | G. 4.000

HAY GRANDES EVASIONES FISCALES EN SALTO DEL GUARÁ

Aduanas encubre el contrabando en el M...

Tractores y topadoras de gran porte, algunas de uso prohibido, y numerosas maquinarias y equipos de desmonte son incautados por autoridades en este departamento chaqueño, como parte de un operativo iniciado el fin de semana, tras la denuncia de masiva depredación de bosques. Hasta el momento no existen detenidos ni imputados, aunque seguirán las intervenciones. Las estancias afectadas son La Niña, Palo Santo, Urunday y San Francisco, todas pertenecientes a brasileños. Hasta el cierre de esta edición el equipo de investigadores seguía ingresado a unidades productivas de Toro Pampa y Fuerte Olimpo. Según las autoridades, más de un millón...



Las modernas topadoras incautadas en las estancias tienen capacidad de desmontar hasta 800 hectáreas por semana.

BRASILEÑOS SIGUEN LLEVANDO ROLLOS



El contrabando sigue gozando de buena salud. El robo al fisco no para. Las recaudaciones desviadas a los bolsillos de los padrinos de siempre y de unos apadrinados evidencian que Margarita Díaz de Vivar está perdiendo la lucha contra la corrupción. PÁGINA 24

El equipo de Migraciones descubrió en plena tala a un grupo de brasileños en... y maquinarias (foto) estaban a punto de... PÁGINA 40

Paraguay quer sair do Mercosul

Para o engenheiro florestal paraguaio e doutorando da UFRGS Oscar Torres Figueiredo, seu país é um prisioneiro geopolítico e vive situação complicada na questão do Mercosul. De um lado, Brasil e Argentina, que fecham as portas ao Paraguai, e de outro, os Estados Unidos, procurando se aproximar: “Só não sei o que eles querem com isso”.

Independente da resposta, Oscar comenta a atual tendência do governo paraguaio que despreza qualquer crítica dos países do Mercosul nesta questão. Neste sentido, lembra a declaração do vice-presidente paraguaio, Luis Castiglioni: “Nós podemos recorrer a quem quisermos, eles não têm moral para cobrar qualquer coisa do Paraguai”.

Os camponeses paraguaios também questionam a validade do Mercosul. Basicamente estruturado numa agricultura manual, o setor agrícola paraguaio não tem capacidade para concorrer com mercados como o brasileiro e o argentino. “Como enfrentar um país com 180 milhões de habitantes e com ótima produção industrial?” Na avaliação de Oscar, a competição desigual

tem provocado desemprego e pobreza nos países que fazem fronteira com o Brasil. “No Paraguai são 17% de desempregados.”

Setores como o da indústria sinalizam o problema: “Muitas indústrias paraguaias sumiram com o Mercosul”. Quando esteve recentemente em seu país, Oscar pode comprovar que nas prateleiras dos supermercados só havia óleo brasileiro. Para ele, isso ocorre em função de um mercado pequeno e desorganizado, com uma indústria ainda não consolidada e a tradição de país agrícola. Mesmo com 57% da população urbana, a economia do Paraguai ainda depende muito da agricultura. “E quando nossa indústria tenta entrar no mercado brasileiro, surgem todo tipo de impedimentos e dificuldades,” reclama.

Para ilustrar o conflito existente na questão pecuária, o engenheiro lembra o episódio da febre aftosa de 1999. Segundo ele, os animais infectados pertenciam a um brasileiro, proprietário de terras dos dois lados da fronteira. Para livrar-se da fis-

calização no Brasil, ele passou seus animais para o lado paraguaio. Oscar recorda a cobertura da imprensa local quando a tevê mostrou uma barreira de tanques brasileiros impedindo a passagem das vacas do Paraguai para o Brasil. Atitudes como esta têm provocado forte reação: “Os brasileiros são vistos como imperialistas”. Percepção que se agrava quando o assunto é Mercosul. Para os paraguaios, o Brasil no Mercosul é os Estados Unidos dentro da Alca.

Ao avaliar o atual surto de febre aftosa que atinge o gado brasileiro, Oscar diz que a situação se repete. Segundo ele, mais uma vez existe a tentativa de responsabilizar seu país como foco da doença. “Esse problema não aconteceria se houvesse integração dentro do Mercosul no sentido do controle de sanidade animal.” Ele critica a falta de esclarecimento na imprensa brasileira quanto aos verdadeiros proprietários das terras onde vivem os gados infectados. “O Paraguai sempre será o lado mais fraco frente ao imperialismo brasileiro.”

“Eles não têm moral para cobrar qualquer coisa do Paraguai”

REPRODUÇÕES



Incertezas rondam hábitos alimentares

Nutrição Variedade de produtos e dietas fazem das refeições diárias um ato de permanente escolha

Jacira Cabral da Silveira

Comer é uma necessidade e fazer opções também. Principalmente quando as ofertas e as correntes dietéticas proliferam e acabam por transformar um simples ato cotidiano numa grande dúvida: o que é mais saudável comer?

Para quem almoça fora todos os dias há uma série de opções. E quem faz refeições em casa se depara com um número cada vez maior de produtos nas prateleiras dos mercados. Mais do que fórmulas, professores das áreas de nutrição, bioquímica e tecnologia dos alimentos da UFRGS esclarecem dúvidas e falam de uma alimentação mais adequada.

Segundo a nutricionista e professora do curso de Nutrição da UFRGS, Kaly Janaina Berlezi, uma alimentação saudável deve respeitar quatro regras básicas: quantidade, qualidade, harmonia e adequação. Mas não é só isso, na hora de prescrever dietas alimentares, os nutricionistas consideram ainda aspectos como idade, sexo e atividade física.

Ao comentar alguns hábitos alimentares, Kaly destaca as dietas vegetariana e a do Mediterrâneo. “Uma dieta vegetariana tem alguns problemas em termos de ingestão de micronutrientes, importantes para uma dieta balanceada. Vitamina B12 é uma preocupação especial, uma vez que só é encontrada em alimentos de origem animal.” Quanto à dieta mediterrânea, ela diz que os bons resultados se devem aos efeitos cumulativos de um conjunto de alimentos e não a um em especial.

Moderar, mas não excluir – Esta é a recomendação da pesquisadora e professora do Departamento de Bioquímica da UFRGS, Regina Maria Guaragna, quando se trata do consumo de lipídios, ou a gordura nos alimentos. Ela explica que as membranas celulares e todo o funcionamento do organismo humano dependem de lipídios, não só do ponto de vista energético como também do de sinalização do metabolismo. “Em função disso, sempre procuro esclarecer que o que mais preocupa é a qualidade e não a quantidade de gordura.”

Segundo Regina, até pouco tempo atrás comentava-se muito sobre os riscos da gordura saturada, encontrada na manteiga e na gordura animal, no desenvolvimento de doenças cardiovasculares, diabetes e au-



Os peixes são fontes de ômega 3, ácido graxo essencial para o ser humano

mento do colesterol. De alguns anos para cá, começou um movimento no sentido de retirar esta gordura da dieta alimentar. Com isso, surgiu na indústria a margarina produzida a partir da gordura vegetal, parcialmente hidrogenada. Nesse processo de hidrogenação cria-se industrialmente o ácido graxo trans, um novo fator de risco para as doenças cardiovasculares.

Nos últimos anos, algumas marcas de margarina passaram por um novo processo de hidrogenação, chamado interesterificação. Esse procedimento diminui a quantidade de ácido graxo trans. O consumidor deve verificar no rótulo a especificação de gordura vegetal interesterificada. O índice tolerável de trans está entre 2% e 3%. André Souto, do Instituto de Química da PUC, foi pioneiro em identificar de 30% a 40% de gordura trans nos sorvetes nacionais. “Encontramos essa gordura também nos biscoitos recheados e nas massas folhadas.”

Ômega 3 – O ômega 3 é um ácido graxo essencial para o ser humano. Como não é produzido pelo organismo, deve ser

assimilado através dos alimentos. Entre outros benefícios, inibe a depressão e a agressividade, impede a proliferação de células cancerígenas e reduz reações alérgicas. É encontrado nos óleos de soja, de canola e de linhaça, também em peixes como tainha, pescada, salmão, truta e sardinha.

Segundo pesquisas, a deficiência de ômega 3 no organismo está associada a doenças do Sistema Nervoso Central, como a depressão, a esquizofrenia, o déficit de atenção e a hiperatividade. “Autores afirmam que a carência na dieta de ácido graxo ômega 3 tem contribuído para o aumento do grau de agressividade.” Neste sentido, Regina incentiva o retorno a uma dieta rica em peixe.

Aditivos viciam? – Uma das tantas questões que despertam dúvida no consumidor quanto à qualidade dos alimentos industrializados refere-se àqueles que contêm algum tipo de aditivo em sua composição. Segundo especialistas, os aditivos são importantes para manter por mais tempo algumas características dos alimentos como a aparên-

cia, a textura, a cor, o sabor e até mesmo o valor nutricional. Por outro lado, há quem diga que este “vilão” pode estar sendo adicionado aos alimentos para criar dependência.

“Não está cientificamente provado que algum aditivo cause dependência e não tenho conhecimento de nenhum artigo científico que aborde o tema”, garante Julio Alberto Nitzke, secretário de Educação a Distância e professor do Instituto de Ciência e Tecnologia de Alimentos da UFRGS (ICTA) na área de produtos de origem vegetal e desenvolvimento de novos produtos. Em 2002, ele coordenou a criação do *link* Segurança Alimentar na página do ICTA (<http://www.segurancaalimentar.ufrgs.br/>), no qual o público pode encontrar muita informação sobre acesso, qualidade e educação alimentar.

Segundo Nitzke, a maioria dos alimentos processados contém aditivos, o que não quer dizer que eles sejam sinônimos de coisa ruim: “Exemplo é a vitamina C, um anti-oxidante bastante usado”. Além dos aditivos, existem outros procedimentos para prolongar a vida dos alimentos. “O leite, por exemplo, não tem nenhum conservante. Ele passa por um processo físico por meio de aquecimento a uma determinada temperatura. Os congelados são outro exemplo.”

Pesquisa revela alto índice de gordura trans

O Departamento de Bioquímica da UFRGS há dois anos vem realizando trabalho de pesquisa em parceria com o Instituto de Química e o Centro de Obesidade Mórbida, ambos da PUCRS, e o Centro de Cirurgia Construtiva.

A partir do tecido adiposo coletado das cirurgias plásticas, os especialistas chegaram ao percentual de ácido graxo trans existente na população de Porto Alegre, que é muito maior do que o encontrado em indivíduos de outros países. Enquanto, na Europa, verifica-se uma concentração de 3% a 4%, na população de Porto Alegre há um percentual de 6% a 7% de gordura trans.

A pesquisa é inédita na apuração do percentual de gordura trans no tecido adiposo visceral. No porto-alegrense, esse índice é de 9%. Segundo os pesquisadores, tais números podem estar relacionados à grande incidência da síndrome metabólica, que associa ao mesmo indivíduo doença cardiovascular, diabetes, obesidade etc. Os resultados da pesquisa serão publicados na revista *Obesity Surgery*.

ARTE: ROSÂNE VEIRA

28 de novembro

UFRGS Parabéns!
71 anos



Por dentro da mediação na quinta Bienal

Arte contemporânea Professora da UFRGS fala sobre as diversas formas de aproximar público e obras

Ânia Chala

Visitar a 5ª Bienal do Mercosul é uma experiência que pode ser sentida de forma solitária, ou mesmo com amigos, mas quem frequenta as exposições em grupos sempre irá se deparar com um mediador disposto auxiliar na observação dos trabalhos apresentados. Jovens universitários que passaram por uma seleção e um curso preparatório, os mediadores estão ali para ensinar e aprender, num processo educativo que busca aproximar os visitantes da arte contemporânea. Para cada espaço há um grupo previamente designado, que recepciona o público e o acompanha em seu trajeto pelas exposições. Mas como funcionam os bastidores desse trabalho? Com o que se deparam os universitários que passam mais de 60 dias respondendo às interrogações dos visitantes?

Para descobrir o que há por trás da Bienal, conversamos com Cláudia Zanatta, professora-substituta da área de história e de criação em cerâmica do Instituto de Artes da UFRGS, que supervisiona, juntamente com Vitor Duarte, os espaços do Memorial do RS, do Paço Municipal e do Largo Glênio Peres. Um dos doze profissionais selecionados pela organização do evento para esta função, Cláudia faz o acompanhamento dos mediadores na recepção do público que visita a mostra e também um estudo do lugar onde está trabalhando e das obras em exposição, num processo de ação educativa continuada. “Na Bienal temos estudantes não só de Artes como também da Filosofia, da História, da Arquitetura e da Biologia, muitas vezes, eles não têm um referencial sobre arte contemporânea”, diz ela, que está atuando na mostra pela segunda vez.

Cláudia explica que a cada edição é realizado o mesmo processo: há um curso preparatório, do qual participam alguns dos artistas que estão expondo na Bienal. No curso realizado neste ano, foram abordadas noções de história da arte, desde a modernidade até a arte contemporânea, e vários professores da UFRGS colaboraram, com palestras sobre temas específicos. Mas a formação dos mediadores não parou por aí. “É um processo contínuo”, diz ela, informando que alguns dos trabalhos expostos só foram conhecidos detalhadamente quando a mostra abriu para a visitação.

Trabalho – A primeira tarefa do mediador é tentar aproximar o público das obras em exibição. Para tanto, a professora destaca que é importante saber de onde vêm os visitantes e, por isso, o agendamento prévio de escolas sempre inclui informações sobre a série, a idade média do grupo e a localização geográfica da instituição. “Na arte contemporânea não há conceitos fechados. Existem obras, como a instalação sonora de Paulo Vivacqua, localizada no porão da Prefeitura, em que o artista pediu que deixássemos primeiro o público escutar para depois fornecer as informações que fossem solicitadas”, informa Cláudia. Ela comenta



Cláudia Zanatta diz que instalações sonoras, como a do porão da Prefeitura, exigem imaginação perceptiva

com bom humor o fato de uma das obras mais citadas ao final da visita ao Paço Municipal não fazer parte da Bienal “É uma santa ceia afixada numa das paredes do porão”. Isso, segundo ela, prova que as pessoas ainda têm conceitos muito rígidos sobre o que é arte, e a abertura desses horizontes é também função de uma mostra como a Bienal.

Reações – Cláudia Zanatta diz que em vários momentos da Bienal há um estranhamento muito grande, pois o público se depara com obras como a do artista Amílcar de Castro, que utiliza um conceito de escultura um pouco subvertido, porque não há um pedestal e as obras estão em meio ao público que circula pelo Largo Glênio Peres. “Essas pessoas chegam aqui no Paço Municipal perguntando

As pessoas ainda têm conceitos muito rígidos sobre o que é arte

que tipo de trabalho está exposto e quando dizemos que são vídeos e uma instalação sonora respondem: “Ah, não! Onde ficam as pinturas?”

Mas algumas reações são bem mais adversas, pois há visitantes que não querem a mediação, enquanto outros, fazem o papel de advogados do diabo do mediador. Cláudia também observa que alguns frequentadores do Largo Glênio Peres se apropriaram das obras – um gaiteiro, por exemplo, utiliza a sombra das esculturas diariamente para fazer suas apresentações.

Outro aspecto levantado por ela é a diferença entre as perguntas dos visitantes comuns e do pessoal que trabalha no entorno do Mercado Público: os frequentadores do Largo normal-

mente não perguntam pelo significado das obras, eles querem tocá-las, saber qual é o seu peso, como elas chegaram até aqui e como foram confeccionadas. Já os grupos que vêm especialmente para a Bienal querem saber o que quer dizer tal obra.

Aprendizado – Os mediadores trabalham com conceitos de arte e, para isto, é preciso ter um referencial teórico que é suprido no curso e durante a mostra, quando eles precisam ler textos específicos. Cláudia lembra que “hoje, podemos ter pinturas ao lado de performances ou instalações, e é esta convivência das diferenças e das contradições que tentamos trabalhar, porque o mundo é isso”.

A professora diz surpreender-se com a abordagem criativa adotadas pelos mediadores: “O fato de recebermos inclusive grupos de cegos enriquece nossa percepção das obras pelo olhar dos outros”. Com as escolas, por exemplo, as visitas agendadas duram cerca de uma hora e 10 minutos, período em que nem sempre é possível ver todos os trabalhos expostos. “Aí o mediador estabelece uma pequena curadoria dentro da curadoria geral, programando um percurso que tenha relação com o contexto de onde veio aquele grupo de estudantes”, acrescenta a supervisora.

Perguntada sobre a influência da mídia na visitação, Cláudia afirma que o destaque dado a determinadas obras faz com que as pessoas venham buscar na Bienal a mesma experiência que teriam no *shopping* ou num parque de diversões. “Então, ocorre a decepção, pois elas não encontram o espetáculo apresentado pela mídia.” Ela encerra assegurando que, para quem se dispõe a gastar um pouco mais de tempo na apreciação das obras, outros graus perceptivos podem ser abertos. Mas nada é entregue pronto, embrulhado em papel de presente. É preciso pensar.

Os alunos da UFRGS na Bienal

Tanira Dornelles

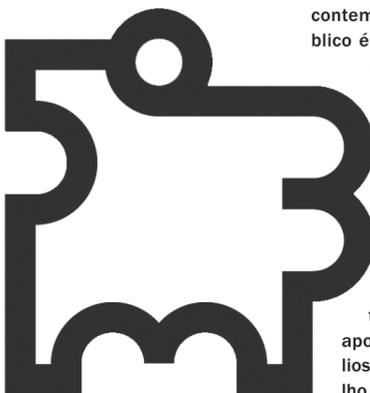
Erich Engels e Silva cursa o quinto semestre de Filosofia e diz que seu trabalho o está ajudando a desenvolver a capacidade de argumentação porque, para muitas pessoas, certas obras não significam muito. “O pessoal mais velho é meio indiferente e acha que isso não é arte. Já as crianças adoram e é delas que a gente tira subsídios para fazer as outras mediações. Elas estão abertas, não têm preconceitos, são muito mais receptivas.”

Lisandro Bellotto, aluno do sexto semestre de Artes Cênicas, já havia trabalhado como mediador em outras exposições e atua nesta bienal como assistente de supervisão. Aprender a admirar uma obra sob diversos pontos de vista com conteúdo teórico para poder avaliar cada trabalho é o que ele considera como mais compensador em sua função. Para Lisandro, as pessoas não conseguiram sequer digerir a arte moderna, então a arte contemporânea é mais complicada ainda. “Este tipo de arte exige uma participação ativa de quem vê, e nós estamos mais acostumados com a contemplação. A mediação ajuda a acelerar esta percepção.”

Roger Kichalowsky, formado em artes plásticas pela UFRGS, já trabalhou como mediador no Santander Cultural. Ele afirma que as palavras que mais ouve dos visitantes são estranho e diferente. “A reação é o estranhamento, mas no processo de mediação nós conseguimos aproximar o público do conceito do entendimento”, comenta. Na opinião dele, o ponto alto desta Bienal é a discussão sobre qual é o espaço da arte.

Liane Strapazzon está no quarto semestre de Artes Plásticas e decidiu trabalhar na Bienal para aprender a lidar com o público. Ela acha muito importante observar as diferentes interpretações que o público tem da arte contemporânea, pois o fato de saber como o público reage vai ajudar a compor suas próprias obras no futuro. “As pessoas não entendem a maioria das obras (...) Temos um mural em que registramos as reações do público, e tem gente que, por exemplo, adora a porta de entrada do prédio da Prefeitura e odeia a arte contemporânea. Anda, anda, lá embaixo, e diz ‘agora eu quero ver as obras’. Cadê as obras?”

Michal Kirschbaum, aluna do sétimo semestre de Artes Plásticas, está trabalhando pela terceira vez como mediadora na Bienal e observa que a aceitação da arte contemporânea por parte do público é cada vez maior. “É claro que muitas pessoas vêm querendo encontrar peças famosas, mas outras, estão mais interessadas em conhecer as apresentações.” Conversar sobre os trabalhos, apreciar as diferentes interpretações de cada obra e conhecer novos artistas são aspectos que ela aponta como experiências valiosas propiciadas pelo trabalho de mediação.



“Uma leitura imposta pode ser uma mágoa”

Feira do Livro Frei Rovílio Costa fala de sua paixão pelos sebos e da ciência de incentivar leitores

Caroline da Silva
e Marcelo Spalding

Um frei patrono. E muito mais do que isso. Frei Rovílio Costa, nascido em Bento Gonçalves e registrado em Veranópolis em 1934, é autor de mais de 20 livros, editou cerca de 2.500 títulos e é ex-professor da Faculdade de Educação da UFRGS. Nesta entrevista ele lembra sua passagem pela Universidade e reflete sobre a educação para a leitura.

JU – O senhor é autor de 20 obras e editou mais de duas mil e quinhentas, mas se considera mais um amigo do livro do que um escritor ou editor. Por quê?

Frei – Eu comecei, de fato, ampliando meu interesse pelo livro por causa da leitura. Quando vim para Porto Alegre, em 1958, ia muito no Sebo do Martins, no Sebo da Aurora e no Sebo do Pedro. Depois, fiz contato com a Sulina, através do Leopoldo e do Nelson Boeck. Eu costumava passar as estantes em ordem, examinar livro por livro pra ver o que se escrevia.

JU – Foi essa sua proximidade com os sebos que o fez declarar que gostaria de ser o “patrono dos balaíos”?

Frei – É, eu ainda hoje compro assim. Na Feira passada, adquiri uns dois mil livros. Em 2003, fui Personalidade da Feira, comprei horrores de livros. Isso porque estou fazendo acervos no Interior. E no futuro ainda pretendo fazer um acervo de religiões e etnias.

JU – Falando em religiões, como o senhor vê a relação entre o livro e a Igreja?

Frei – Bom, a Igreja sem o livro não seria nada. A própria Bíblia é uma tradição em livro, que te possibilita estudo de costumes, de crenças, de modos de relacionamento, vida social, ética, bioética, tudo está no Livro, até medicina natural, contato com a natureza, estudo de astronomia...

JU – O senhor tem uma forma-

ção que vai da Filosofia à Antropologia Cultural. A vida religiosa foi determinante para toda essa aquisição de conhecimento?

Frei – Com certeza. Sou o único da família que estudou. E eu estudei porque fui para o seminário. Todos os meus irmãos ficaram na agricultura. O seminário e o serviço militar eram os únicos veículos de formação.

JU – Como foi a sua entrada na UFRGS?

Frei – Prestei concurso e entrei no final de 1972. Sai na época do Collor, quando houve a ameaça à aposentadoria. Mas, ainda fiquei mais cinco anos trabalhando gratuitamente, como voluntário, para fazer a *Revista Educação&Realidade*. Depois, houve uma direção da Faculdade de que achou que, se eu entrasse na Justiça, a Universidade teria que pagar uma fortuna. Realmente, juridicamente, poderia acontecer. Senão, acho que ainda estaria lá dentro.

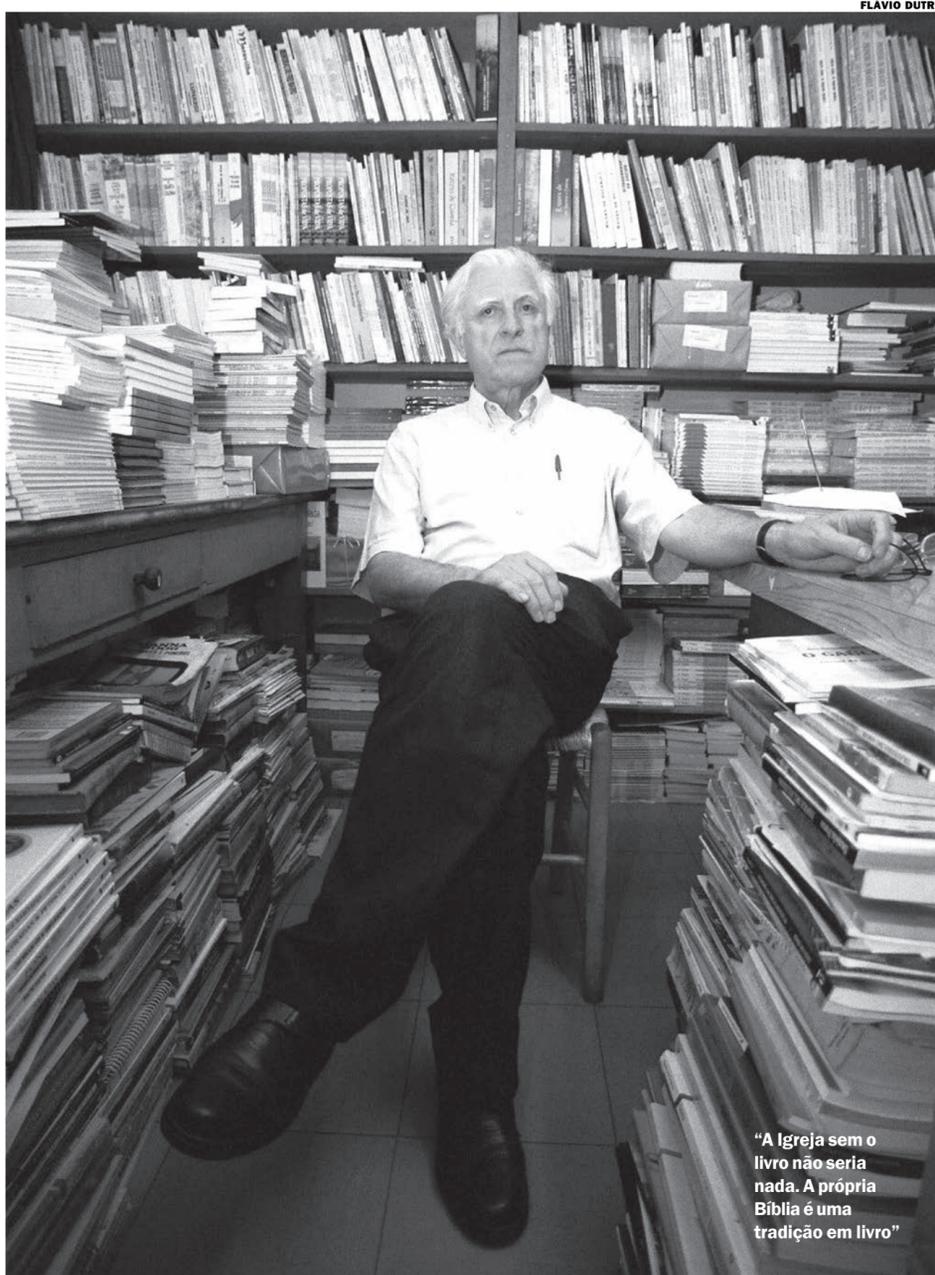
JU – E a criação da revista?

Frei – Quando estava lecionando, havia a idéia de se fazer uma revista, e há dois anos eu estava com textos prontos para publicar. Um dia, inventei de ir lá na Sulina, do meu amigo Leopoldo, e dizer: “Olha, vou fazer uma grande revista e quero colocar resenhas de livros. Só que teria que nos dar dois livros para uma resenha”. Ele disse que não havia problema, me deu liberdade, e eu escolhi uns quarenta livros. Levei para a Faculdade e coloquei à venda com 30% de desconto.

Assim, foi uma tranquilidade para publicar não só a revista, mas os Cadernos de Educação e muitos livros de professores.

JU – E como a leitura estava presente no seu trabalho com os presos?

Frei – Na época, recebíamos revistas que sobravam nas bancas, e eu conseguia dar quase oito revistas por semana para cada preso. Depois, as Paulinas de-



FLÁVIO DUTRA
“A Igreja sem o livro não seria nada. A própria Bíblia é uma tradição em livro”

ram uma *kombi* de livros, mas não induzíamos, para não criar uma mágoa com a leitura. Uma leitura imposta pode ser uma mágoa. Dizíamos: os livros estão ali, vocês olhem e vejam aquilo que lhes diz alguma coisa, peguem, levem e comecem a ler, aos poucos. Assim, vamos educando para a leitura.

JU – Como escolas e universidades estão trabalhando a leitura?

Frei – O problema é o currículo, a necessidade que se tem de obrigar o aluno a conhecer Manuel de Macedo, Machado de Assis, José de Alencar... Se ele não conhece nenhum, ora, vamos estudar um romance, um livro de ficção, criar toda uma idéia agradável, e a criança se empolga. Você lê pequenos textos, ajuda a interpretar. Depois, vai dar uma olhada em todos esses autores, lê um pouquinho, vê de qual gosta.

JU – Foi uma surpresa ser escolhido patrono da Feira no ano em que justamente a Itália é o país homenageado?

Frei – Sim... Como tal, cada um faz aquilo que sabe. Eu fiz muito sobre a Itália, porque sou de origem italiana e conheço aquele país praticamente a pé. Em 1985, tirei um ano de licença sem remuneração da UFRGS. O mundo acadêmico fora, queria a sabedoria do povo.

Editora da UFRGS na Feira do Livro

Durante a 51ª Feira do Livro de Porto Alegre, a Editora da UFRGS estará lançando um total de 22 novos títulos, nas mais diversas áreas do conhecimento. As obras podem ser adquiridas na barraca número 13, localizada próximo ao Clube do Comércio, com o desconto de 20% sobre o preço de capa. O horário de atendimento ao público vai das 13h às 21h. Abaixo, as sessões de autógrafos programadas a partir de 3 de novembro:

3/11 - 14h30min
Pavilhão de autógrafos
Estudo macroeconômico de uma região: estado do Rio Grande do Sul 1939-55
Cláudio F. Accurso

5/11 - 18h30min
Pavilhão de autógrafos
Partidos e representação política:

a articulação dos níveis estadual e nacional no RS (1945-1965)
Mercedes Maria Loguercio Cânepa

5/11 - 20h30min
Pavilhão de autógrafos
De mármore e de flores: a primeira greve geral do Rio Grande do Sul
Benito Bisso Schmidt

7/11 - 18h30min
Pavilhão de autógrafos
Introdução à linguagem de programação Fortran 90
Rudnei Dias da Cunha

8/11 - 17h30min
Pavilhão de autógrafos
Planos diretores de cidades: discutindo sua base doutrinária
Paul Dieter Nygaard

8/11 - 17h30min
Pavilhão de autógrafos
Desigualdades na América Latina:

novas perspectivas analíticas
Antonio David Cattani

8/11 - 17h30min
Pavilhão de autógrafos
Tecnologia e desenvolvimento social e solidário
Sidney Lianza

9/11 - 19h30min
Pavilhão de autógrafos
Medidas sócio-educativas: da repressão à educação
Carmem Maria Craidy, Liana Lemos Gonçalves

9/11 - 20h30min
Pavilhão de autógrafos
Morfologia e taxonomia de gramíneas sul-riograndenses
Ilsi Los Boldrini, Hilda Maria Longhi-Wagner e Sonja de Castro Boechat

10/11 - 16h30min
Pavilhão de autógrafos

Tópicos especiais em turbulência e modelagem da dispersão de poluentes na camada limite planetária
Davidson Martins Moreira, Jonas da Costa Carvalho e Marco Túlio Vilhena

10/11 - 19h30min
Memorial - 1º andar
Múltiplos alfabetismos: diálogos com a escola pública na formação de professores
Jaqueline Moll, org.

11/11 - 14h30min
Pavilhão de autógrafos
O sujeito surdo e a psicanálise: uma outra via de escuta
Maria Cristina Petrucci Solé

11/11 - 19h30min
Pavilhão de autógrafos
Literatura e poder: a contribuição da literatura de dissidência
Cícero Galeno Lopes

13/11 - 16h30min
Pavilhão de autógrafos
Conhecimentos e redes: sociedade, política e inovação
Maira Baumgarten, org.

13/11 - 17h30min
Pavilhão de autógrafos
Florianópolis: personagem de O Tempo e o Vento
Suzana Borges da Fonseca Bins

14/11 - 15h30min
Memorial - térreo
Erico Verissimo: muito além do tempo e o vento
Maria Regina Bettiol, Patrícia Lessa Flores da Cunha, Sara Viola Rodrigues, org.

14/11 - 17h30min
Memorial - térreo
Teorias e fazeres na escola em mudança
Ana Mariza Ribeiro Filipouski, org.



CINEMA/DVD/VÍDEO

O homem que virou suco

(Brasil, 1980, 90 min.), de João Batista de Andrade
Nordestino, que migrou para São Paulo, não se adapta à lógica do trabalho servil e opressor e debocha de seus patrões escrevendo poesias sobre homens que viram suco de laranja. Exibição que integra o ciclo de filmes e debates *Trabalho e cinema: um olhar sociológico* promovido pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Trabalho do IFCH.
Data: 7 de novembro, segunda-feira
Local e horário: Sala Multimeios do IFCH, às 18h30min
Entrada franca

Ou tudo ou nada

(The full monty, Inglaterra, 1997, 90 min.), de Peter Cattaneo.
Em uma pequena cidade industrial inglesa, um grupo de trabalhadores desempregados resolve montar um show de *striptease* para as mulheres, a fim de conseguir algum dinheiro. Exibição para o ciclo de filmes e debates *Trabalho e cinema: um olhar sociológico* do Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Trabalho do IFCH.
Data: 24 de novembro, quinta-feira
Local e horário: Sala Multimeios do IFCH, às 18h30min
Entrada franca

4º. Vaga-lume - Mostra de Vídeo experimental

Mostra realizada pelo Laboratório de Infografia e Multimeios (Limia) do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes, organizada pela professora Maria Lucia Cattani.
Período: 7 a 11 de novembro
Local e horário: Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, de segunda a sexta-feira, das 10h às 18h
Entrada franca

CURSOS E PALESTRAS

Masterclasse de violão

O Departamento de Música promove uma masterclasse com Mario Ulloa (*abaixo*), professor de violão na Escola de Música da Universidade Federal da Bahia.
Data: 7 de novembro, segunda-feira
Local e horário: Auditorium Tasso Corrêa do Instituto de Artes, das 9h30min às 11h30min e das 13h30min às 17h
Informações e inscrições: Coordenadoria de Atividades de Extensão do Instituto de Artes, telefone 3316-4325



EXPOSIÇÕES

Centro histórico de Porto Alegre – sob um novo olhar

Mostra organizada pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS, que apresenta 10 fotografias e projetos arquitetônicos dos principais locais do Centro da capital gaúcha, com o objetivo de contribuir para a preservação do patrimônio cultural urbano. O cais do porto, as praças da Matriz e da Alfândega, as ruas Riachuelo e Duque de Caxias, os antiquários da Rua Fernando Machado, o complexo hospitalar da Santa Casa de Misericórdia e os prédios históricos da UFRGS são alguns dos lugares analisados e complementados com criações dos alunos do Curso de Especialização em Patrimônio Cultural em Centros Urbanos.
Visitação: até 15 de novembro, de terça a sábado, das 10h às 18h
Local: Memorial do Rio Grande do Sul
Entrada franca
Agendamento para visita guiadas: 3226-5350

Ônibus 174

(Brasil/ RJ, 2002, cor, 133 min.), de José Padilha
O projeto *Antropologia no cinema* exibe documentário seguido de debate sobre a violência urbana no Brasil. O filme apresenta uma investigação cuidadosa sobre o seqüestro de um ônibus (*abaixo*) em plena zona sul do Rio de Janeiro que terminou em tragédia.
Data: 29 de novembro, terça-feira.
Local e horário: Sala Redenção, 19h30min
Entrada franca



Antropologia no cinema

Apresentação de documentários seguidos de debate sobre as cidades e a vida urbana com a temática territórios de vida. Aqui não tem guerra (*França, 1994, 50 min. - lendas em português*), de Jean Arlaud e Annie Mercier. Filme produzido por um casal de antropólogos e documentaristas, que apresenta um bairro parisiense temido pelos "cidadãos" franceses e amado pelos imigrantes estrangeiros.
Em cantos da praça (*Brasil, 2003, cor, 25 min.*), da equipe do Biev/UFRGS. Realizada pela equipe do Biev, propõe aos frequentadores da Praça da Alfândega em Porto Alegre uma pergunta: o que há embaixo da praça?
Data: 22 de novembro, terça-feira.
Local e horário: Sala Redenção, 19h30min.
Entrada franca

Música de cinema

Oficina com o compositor, arranjador e produtor Pedro Figueiredo sobre a música, a voz e os efeitos sonoros no cinema.
Data: 4 de novembro, sexta-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, das 14h às 17h
Inscrições gratuitas no local

Diversidade cultural

O projeto Olhares Cruzados, em parceria com o Banco de Imagens e Efeitos Visuais do Departamento de Antropologia, apresenta o colóquio *Diversidade cultural e direitos de salvaguarda patrimonial: novas tecnologias e direitos de propriedade intelectual dos saberes dos povos australianos*, com Bárbara Glowczewski Barker da Universidade James Cook, Austrália.
Data: 29 e 30 de novembro, terça e quarta-feira
Local e horário: mezanino do Museu da UFRGS, manhã, tarde e noite
Informações no site www.museu.ufrgs.br
Entrada franca

Perto demais

Exposição de Daniel Escobar vencedor do VI Concurso de Artes Plásticas Contemporâneas do Goethe-Institut. O artista é aluno do Instituto de Artes e re-contextualiza o *outdoor* (*abaixo*), transportando-o das ruas para o espaço expositivo da galeria de arte.
Visitação: até 17 de novembro, de segunda a sexta, das 9h às 12h30min e das 14h às 20h, e aos sábados, das 10h às 12h30min
Local: Goethe-Institut
Entrada franca



Destaque

Mostra do Museu Nacional de Belas Artes

Exposição que integra o Circuito Cultural Banco do Brasil será apresentada pelo Museu da UFRGS

A partir de 18 de novembro, os espaços culturais da UFRGS irão abrigar uma intensa programação proposta pelo Circuito Cultural Banco do Brasil.

O carro-chefe das atividades será a exposição *Os clássicos do Museu Nacional de Belas Artes - Obras-primas da pintura antiga européia*, realizada em parceria com o Museu da UFRGS.

A mostra é constituída de pinturas de artistas que representam os estilos antigos na arte européia. As obras foram trazidas para o Brasil, oriundas do Tesouro Real português (1808), da Missão Artística Francesa (1816) e adquiridas ao longo dos séculos XIX e XX. O público poderá apreciar alguns dos gêneros mais importantes da pintura antiga: retratos, paisagens, temas religiosos, cenas de costumes e naturezas-mortas que representam um verdadeiro registro da museografia brasileira. A exposição tem a curadoria de Zuzana Paternostro, e a visitação poderá ser feita até 20 de dezembro, de terça a sexta, das 10h às 21h; e aos sábados e domingos das 14h às 21h, com entrada franca. Entre os participantes destacamos: Salvator Rosa, um dos mais importantes artistas italianos do século XVII; Giovanni Paolo Castelli, conhecido como Il Spadino, um dos que mais desenvolveram o tema da natureza-



Paisagem com eremitas (óleo sobre tela, 66x39cm), de Salvator Rosa, pertencente à Coleção Lebreton, 1816

morta; e Bernardo Germán Llorente, conhecido como "o pintor das pastoras". O Circuito Cultural também prevê a realização da mostra de animação *Animamundi*, no cinema universitário

Sala Redenção, de 29 de novembro a 4 de dezembro, em sessões diárias a partir das 14h. Mais informações sobre a programação podem ser obtidas através do telefone 3316-3034.

TEATRO

Insulto ao público

Espetáculo para o projeto Teatro, Pesquisa e Extensão (*abaixo*), baseado no texto do autor austríaco Peter Handke, no qual os atores conversam longamente com o público sobre tudo o que diz respeito à instituição do teatro, declarando ser a plateia o acontecimento da noite. Direção de Rodrigo Ruiz. Elenco: Cristiane Bilhalva, Fabiana Mendes, Leônidas Rübenich, Mariana Mantovani, Paola Oppitz e Zé Benetti.
Datas: 9, 16, 23 e 30 de novembro, quartas-feiras
Local e horário: Sala Qorpo Santo, às 12h30min e às 19h30min
Entrada franca



MÚSICA

Pedro Figueiredo e o Som da Campana

Espetáculo criado especialmente para o projeto Unimúsica. No repertório, músicas de compositores gaúchos. Integram o Som da Campana os músicos Luisinho Santos (sax barítono, sax tenor e flauta), Marcelo Piraíno (clarone, clarinete e sax tenor), Alexandre Rosa (sax alto, clarinete), Amaury Iablonovski (sax alto e flauta) Ricardo Arenhaldt (percussão e bateria preparada), Vitor Peixoto (piano acústico e teclado), Daniel Sá (guitarra acústica e violões) e Pedro Figueiredo (flauta).
Data: 3 de novembro, quinta-feira
Local e horário: Salão de Atos da UFRGS, às 19h
Entrada franca

Atividades programadas para o Salão de Atos da UFRGS

18/11 — Sexta-feira
20h - Música: Clube do Choro de P. Alegre

26 e 27/11 — Sábado e domingo
15h - Teatro infantil: *Pandolfo no Reino na Bestolândia*

19 e 20/11 — Sábado e domingo
15h - Teatro infantil: *Histórias da Carrocinha*, com a Cia. Caixa do Elefante
21h - Música: *Almir Sater* com abertura do grupo vocal *Muito Prazer*

27/11 — Domingo
21h - Música: Identidade brasileira - *Vander Lee*, com abertura de *Angélica Rizzi*

22, 23, 24 e 25/11 — Terça, quarta, quinta e sexta-feira
15h - Teatro infantil: *Contos de Andersen*, com os Encantadores de Histórias

29 e 30/11 — Terça e quarta-feira
20h30min - Dança: *Ana Botafogo In Concert*

22/11 — Terça-feira
20h30min - Teatro: *In Surto*, com o grupo teatral Falos e Stercus

30/11 — Quarta-feira
14h - Idéias: Encontro com Ana Botafogo

23/11 — Quarta-feira
19h - Idéias: Encontro literário com Ignácio de Loyola Brandão
20h30min - Concerto para piano e orquestra - UFRGS/Unisino

1º/12 — Quinta-feira
20h30min - Unimúsica: grupo Pau Brasil (Nelson Ayres, Teco Cardoso e Paulo Bellinati)

24/11 — Quinta-feira
21h - Ouro azul - *Maria Luiza Benitez*, com abertura do conjunto folclórico *Tropeiros da Tradição*

2/12 — Sexta-feira
21h - Teatro: *Vozes Dissonantes* com Denise Stoklos

25/11 — Sexta-feira
21h - Teatro: *Vozes Dissonantes*, com Denise Stoklos

3 e 4/12 — Sábado e domingo
15h - Teatro infantil: *Ari Areia, um grãozinho apaixonado*. Dom.: sessão às 14h30min
21h - Música: Identidade brasileira - *Vanessa da Mata*, com abertura de *Mário Falcão*. Dom.: abertura Duo Araucária

Onde?

- Salão de Atos da UFRGS
Av. Paulo Gama, 110
- Instituto de Artes da UFRGS
Rua Senhor dos Passos, 248
- Sala Redenção
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Museu da UFRGS
Av. Osvaldo Aranha, 277
- Planetário da UFRGS
Av. Ipiranga, 2.000
- Sala Qorpo Santo
Av. Paulo Gama, s/nº.
- Sala Multimeios do IFCH
Av. Bento Gonçalves, 9.500
- Memorial do Rio Grande do Sul
Praça da Alfândega, s/nº.
- Goethe-Institut
Rua 24 de outubro, 112

Lothar Hessel: “Atiro para todos os lados”

Vitalidade Aos 90 anos, o professor, poeta, ensaísta, historiador e romancista continua produzindo

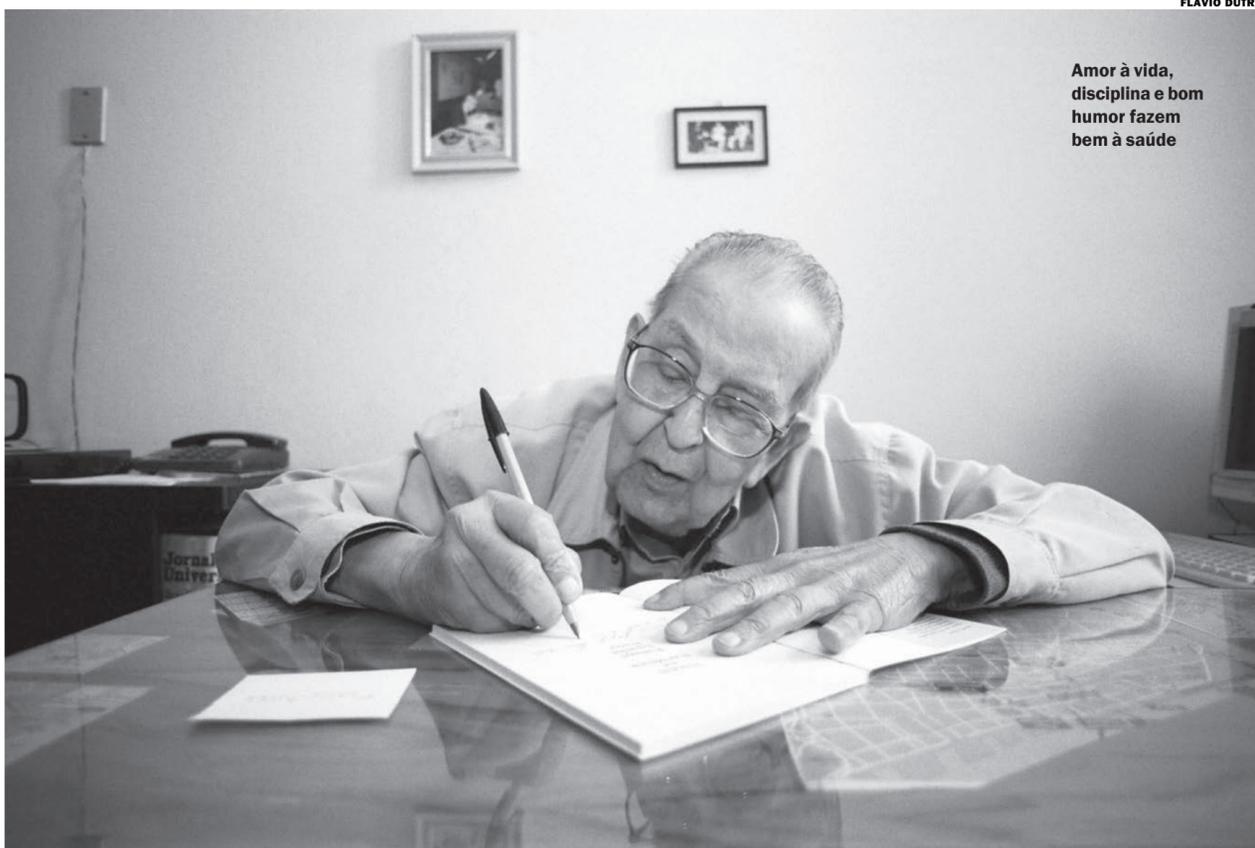
Ademar Vargas de Freitas

O professor Lothar Francisco Hessel se interessa por tantos temas e assuntos que na hora de se definir não hesita em dizer que atira para todos os lados. Ele mora com a esposa e uma das filhas num apartamento antigo e amplo, onde mantém um gabinete com livros, fotos da família, imagens de santos e uma cadeira de balanço para a sesta. Precavido, às vezes, reza para Nossa Senhora, pedindo que o ajude, não apenas na hora da morte, mas também nos dias e semanas que a precederem.

No mais, passa o tempo lendo, remexendo nos papéis que acumulou com suas pesquisas, jogando coisas fora e escrevendo artigos sobre assuntos diversos, que são publicados em O Taquaryense, o segundo jornal mais antigo em circulação no Estado. Quer continuar trabalhando, ajudando o próximo e vivendo cristãmente, até que Deus o chame.

Recentemente, os Hessel perderam o filho mais velho, José, falecido aos 60 anos, após 13 de hemodiálise devido a uma doença hereditária. O casal tem ainda três filhas: Maria Helena é professora e mora no Recife; Rosa Maria, também professora, está aposentada e vive em Porto Alegre; e Maria Tereza mora com os pais. Quando elas eram pequenas, Lothar construiu uma casa de praia em Santa Terezinha e pregou uma tabuleta na fachada: “Casa das Três Marias”.

Receita de vida – A mãe ensinava: não fumar, não beber, não jogar. Um dos irmãos se atirou na bebida e morreu moço. Lothar obedeceu, e também se empenhou em abandonar a dieta da



Amor à vida, disciplina e bom humor fazem bem à saúde

FLÁVIO DUTRA

colônia alemã: manteiga, torresmo, banha de porco. “Hoje, eu como o que me convém e não aquilo de que mais gosto. Quer viver mais? Afaste-se das ‘uras’: gorduras, frituras, doçuras.”

Outra dica importante: mantenha o equilíbrio do casamento. “Estou casado com a Noely há 63 anos, e nunca tivemos uma rusga: ela já era educada quando casou comigo e eu também já era educado. Não há marido perfeito, nem esposa perfeita. Cada um tem que tolerar o jeito e as manias do outro.”

Muitas viagens, muitos livros

As viagens ao exterior foram sempre como convidado ou bolsista. Em 1956, Lothar esteve no Chile, fazendo um curso de um mês. Foi e voltou de trem, enfrentando o frio da Cordilheira dos Andes; nunca esqueceu a imagem da neve caindo, iluminada pela lua cheia. Entre 1958 e 1959, permaneceu seis meses na Espanha; e em 1966 passou uma temporada na França, com incursões a diversos países. Seus diários de viagem lhe renderam dois livros. Ao todo, ele escreveu 14 livros, além de artigos, crônicas e poemas. O primeiro foi *Brava Gente*, um romance ambientado na época da Revolução Farroupilha, que recebeu o Prêmio Sagol em 1959, julgado por Erico Veríssimo. Também escreveu sobre teatro. “Isso, porque, a certa altura, substituí o professor Guilhermino César no Curso de Arte Dramática e acabei como diretor desse curso.” Aí havia um professor francês, Georges Readers, que lhe propôs escrever em parceria a história do teatro no Brasil. Em função da pesquisa, Lothar percorreu todo o país; só não esteve no Amapá, em Roraima e no



Aos 25 anos, no estúdio do fotógrafo Azevedo Dutra, famoso em Porto Alegre nos anos 40

Acre. Mais recentemente, publicou o livro *Teatro no Rio Grande do Sul*, depois de visitar diversas cidades gaúchas onde outrora havia muita riqueza e bons teatros, sobretudo na Metade Sul. “Outro livro que me causou satisfação foi *O Município de Estrela, História e Crônica*, em que falo sobre a cidade onde nasci: a praia de cascalho; as lavadeiras do Rio Taquari, a invasão dos maragatos.” Esse livro lhe valeu um diploma de honra ao mérito, oferecido pela Câmara Municipal de Estrela.

Deus não era tão ruim assim

Lothar nasceu no dia 31 de março de 1915, em Estrela. O pai trabalhava na fábrica de sabão Costa, a mãe foi professora em Arroio da Seca, hoje Imigrante. Nesse povoado, viveu durante sete anos, junto com os três irmãos. Aos 11 anos, foi para o Seminário Provincial, em São Leopoldo. Mas, não se acertou com a pedagogia fechada dos jesuítas alemães daquela época e acabou voltando para casa três anos depois. Mesmo tendo estudado muito e aprendido a tocar órgão, ficou desempregado durante longo tempo.

Quando a mãe foi transferida para o distrito de Corvo, atual Colinas, um irmão marista o indicou para lecionar música, português e espanhol no Seminário de Nossa Senhora da Salette, em Marcelino Ramos, região do Alto Uruguai, onde viveu três anos muito felizes. Era moço, solteiro, tinha casa e comida, e aos domingos, junto com outros dois professores

leigos, descia para a vilinha, para namorar as gurias. “O seminário saletino parecia uma liga de nações, tinha americano, canadense, suíço, alemão, francês, polonês, e a visão deles era bem diferente da visão dos jesuítas. Aí aprendi inglês e francês, e cheguei à conclusão de que Deus não era tão ruim como diziam.”

De volta a Estrela, Lothar foi convidado a tocar órgão na banda do padre José Junges que alegrava festas de igreja. “Assim, fui dar com os costados em Bom Retiro do Sul, onde conheci a Noely Arnt Ribeiro.” Para ficar perto dela, procurou emprego na região do Alto Taquari. Durante um ano, deu aula numa escola primária em Arroio do Meio. Com o dinheiro que vinha eco-

nomizando, casou com Noely e comprou um cartório em Corvo.

Quinta coluna – Aí sobreveio a Segunda Guerra Mundial, e o Brasil declarou guerra à Alemanha. Mas os habitantes eram fervorosos adeptos das conquistas de Hitler, e todas as noites os líderes se reuniam na casa de um cervejheiro chamado Adolfo, até que a polícia bateu lá e prendeu todo mundo.

Desconfiaram de Lothar. E o ambiente se tornou tão desagradável que, mesmo sem ter culpa, ele acabou largando tudo e vindo para Porto Alegre, em 1943. “Vim trabalhar na Livraria do Globo sob a chefia de Álvaro Magalhães, na elaboração do Dicionário Globo.” Era bom, mas pagavam pouco, 600 mil réis, e não havia jeito de progredir. Então, resolveu fazer um concurso para oficial administrativo do Estado, passou e foi lotado na Secretaria de Educação, ganhando 1 conto de réis.

Por essa época, Magalhães foi nomeado diretor da Faculdade de Filosofia e o levou para trabalhar com ele, oferecendo ainda uma boa gratificação. Naquele tempo, a UFRGS ainda se chamava Universidade do Rio Grande do Sul e era estadual. Na Filosofia, Lothar fez o curso de Letras Neolatinas, formou-se em 1951 e passou a lecionar Língua e Literatura Espanhola.

Foi quando a Prefeitura resolveu criar um colégio de ensino médio, utilizando, à noite, as dependências do Grupo Escolar Venezuela, no bairro Medianeira. “Fizeram concurso, e eu entrei como professor-fundador, lecionando Português nesse colégio, que passou a se chamar Colégio Municipal Emílio Meyer.”

NO LARANJAL

“Os colonos alemães cultivavam extensos laranjais, e deixavam para os pobres as laranjas que caíam do pé. Mesmo assim, depois de recolher as laranjas que queria, eu perguntava em alemão quanto custava. A resposta era sempre a mesma, “noch mal kommen”, que queria dizer mais ou menos “volte outra vez”.

SANGUE INDÍGENA

“Acredito que tenha sangue de índio, pela minha tez morena e porque um dos meus bisavós, veterano da Guerra do Paraguai, e uma de minhas bisavós eram filhos naturais (fora do casamento). Um dia, li que os ingleses, ao chegarem à América do Norte, encontraram muito índio e muito búfalo, e mataram tudo. Aqui no Brasil, os portugueses mataram os índios e ficaram com as índias, daí a nossa miscigenação. No fundo, esses germânicos, ingleses etc., são racistas.”

MINISTRO DO EXTERIOR

“Aos 11 anos, fui mandalete e sacristão durante algum tempo na Casa Canônica de Estrela. Uma das atribuições era tocar o sino às seis e meia da manhã. Às vezes, fazia um frio de rachar, mas eu atravessava a praça, de calças curtas. Tinha outro guri para o trabalho de mandalete, o sobrinho do vigário, mas ele saía e demorava para voltar. Então, o serviço de rua ficou comigo, eu era o ministro do exterior.”

ESTRELA, ESTRELA

“Digo que nasci duas vezes em Estrela. A primeira ao nascer de fato, filho de uma família pobre. Quando fiquei maiorzinho não consegui emprego, nem com o próprio padrinho de batismo, que tinha uma firma. Mas, quando publiquei esse livro sobre a cidade, fui reconhecido, me deram valor, nasci de novo. Aqueles que me desprezaram estão todos embaixo da terra, e eu estou aqui.”



A arte abre os olhos da cidade

Flávio Dutra

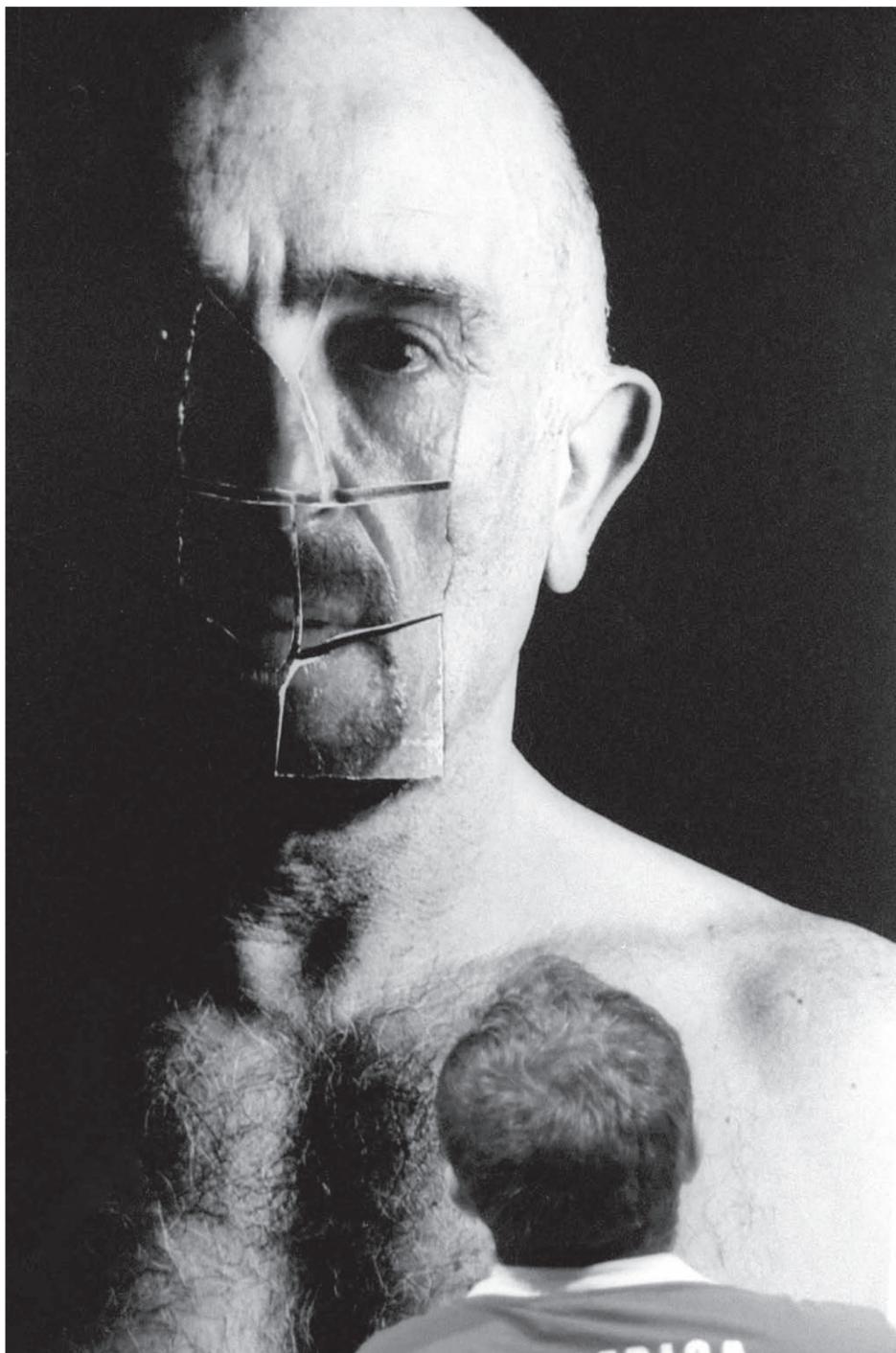
Porto Alegre vai vivendo seus paradoxos. E este jornal os vai acompanhando. Em outubro, mostrou-se nesta seção a tradição e o rural da lembrança farroupilha se sobrepondo ao urbano em pleno coração da capital. Como contraponto sem intenção, a cidade, a partir do mesmo mês, passou a respirar o contemporâneo através da arte. E, junto, a viver sua face mais cosmopolita, com o entrelaçamento/oposição das culturas e manifestações artísticas da América Latina.

Até dezembro, a 5ª. Bienal do Mercosul expõe em suas diversas mostras 172 artistas de países como Brasil, Argentina, México, Chile, Bolívia, Paraguai e Uruguai, organizados em quatro temas: "Da escultura à instalação", "Transformações do espaço público",



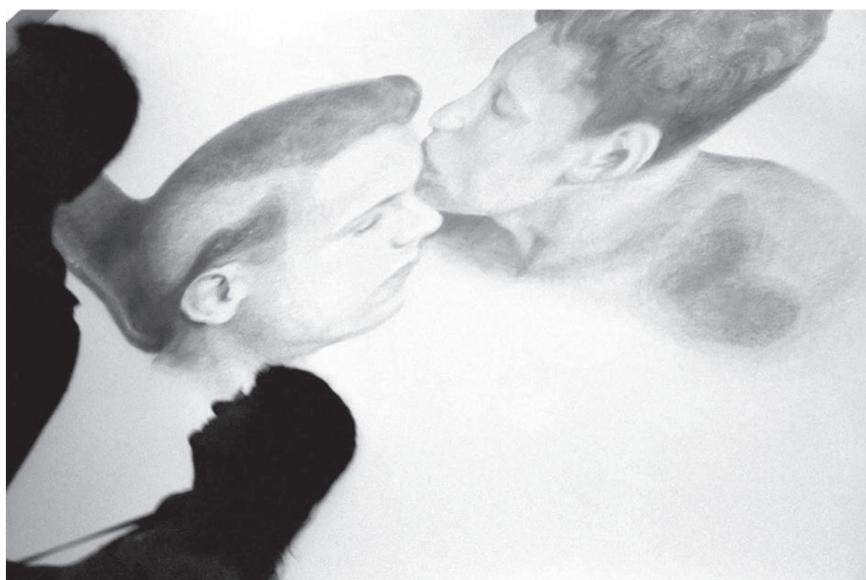
"Direções no novo espaço" e "A persistência da pintura", além da homenagem a Amílcar de Castro e da exposição especial "Fronteiras da Linguagem" na qual estão incluídos artistas norte-americanos e europeus. Para além disso, a Bienal é uma experiência múltipla: pelos espaços em que se espalha cidade a fora, e pelos sentidos que nos são exigidos em cada vivência. Passear pela Bienal significa retomar como experiência pública o restaurado Paço Municipal — a conhecida Prefeitura Velha, reforçar a importância e riqueza dos arma-

zéns do cais do porto e orgulhar-se de espaços consagrados como o Margs, o Memorial do Rio Grande do Sul, a Usina do Gasômetro e o Santander Cultural. Mas significa também mergulhar em ambientes tomados de cheiros, sons, luzes, imagens, silêncio, toques e até mesmo gostos — em algumas performances as obras são literalmente devoradas. As imagens aqui mostradas são um passeio por estes espaços e experiências e foram feitas pensando em mostrar um pouco da diversidade da Bienal e do relacionamento que ela sugere entre obras, artistas e o público.



QUINTA BIENAL DO MERCOSUL

Stela Rates, autora das imagens desta página, é doutora em Psicofarmacologia e professora da Faculdade de Farmácia da UFRGS. Fotógrafa, por puro prazer, há cerca de três anos.



Do público, a Bienal parece exigir tempo. E aí, acostumados que somos a ter como experiência cultural a vida a 30 quadros por segundo da televisão, passamos pelos ambientes rapidamente, querendo respostas imediatas. O ritmo da arte contemporânea talvez devesse ser outro. (FD)

